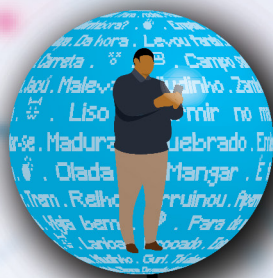




# Etnografia Digital

um guia para  
iniciantes nos  
estudos da  
linguagem  
em  
ambientes  
digitais

COLETIVA  
CIBORGA



Cegraf UFG



# Etnografia Digital

um guia para  
iniciantes nos  
estudos da  
linguagem  
em  
ambientes  
digitais





**UFG** Universidade Federal de Goiás

Reitora

*Angelita Pereira de Lima*

Vice-Reitor

*Jesiel Freitas Carvalho*

Diretora do Cegraf UFG

Maria Lucia Kons



## CONSELHO EDITORIAL DA FACULDADE DE LETRAS

### Estudos Literários

*Oswaldo Silvestre (U. Coimbra)*  
*Vera Lúcia de Oliveira (Università degli Studi di Perugia, Perugia)*  
*Arnaldo Saraiva (U. Porto)*  
*Ida Alves (UFF)*  
*Antonio Carlos Secchin (UFRJ)*  
*Vagner Camilo (USP)*  
*Paulo Franchetti (Unicamp)*  
*Carlos Cortez Minchillo (Dartmouth College, EUA)*  
*Ana Mafalda Leite (U. Lisboa)*  
*Roberto Acízelo (UERJ)*  
*Miguel Vedda (Universidade de Buenos Aires)*  
*Francisco Garcia Chicote (Universidade de Buenos Aires)*  
*Maria Zaira Turchi (UFG)*  
*Zênia de Faria (UFG)*

### Estudos Linguísticos

*Maria Helena de Moura Neves (Unesp)*  
*Katia de Abreu Chulata (Università degli Studi G. d'Annunzio – Chieti/Pescara, Itália)*  
*Gian Luigi De Rosa (Università degli Studi Roma Tre, Itália)*  
*Ryuko Kubota (University of British Columbia, Canadá)*  
*Lynn Mario Trindade Menezes de Souza (USP)*  
*Branca Falabella Fabrício (UFRJ)*  
*Maria Clara Keating (Universidade de Coimbra)*  
*Marília de Nazaré de Oliveira Ferreira (UFPA)*  
*Wolf Dietrich (Westfälische Wilhelms-Universität, Alemanha)*  
*Luciene Maimone (Missouri State University)*  
*Pâmela Freitas Toassi (UFC)*  
*Sílvia Lúcia Bigonjal Braggio (UFG)*  
*Vânia Casseb Galvão (UFG)*  
*Joana Plaza Pinto (UFG)*



# Etnografia

# Digital

um guia para  
iniciantes nos  
estudos da  
linguagem  
em  
ambientes  
digitais

COLETIVA  
CIBORGA

**Cegraf UFG**

2022

© Cegraf UFG, 2022

© Coletiva Ciborga, 2022

Projeto Gráfico e capa

*Allyson Moreira Goes*

Revisão

*Coletiva Ciborga*

COLETIVA CIBORGA

Amanda Diniz Vallada

Ana Luiza Krüger Dias

Bianca Alencar Vellasco

Carolina Fernanda Soares Silva

Joana Plaza Pinto

Karoline de Sousa Soares Silva

Maria Rosaria Colangeli de Souza

Thaís Elizabeth

Pereira Batista

<https://doi.org/10.5216/COL.etn.ebook.978-85-495-0509-5/2022>

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

GPT/BC/UFG

C694 Coletiva Ciborga.

Etnografia digital : um guia para iniciantes nos estudos da

linguagem em ambientes digitais [Ebook]. / Coletiva Ciborga. –

Dados eletrônicos (1 arquivo : PDF). Goiânia : Cegraf UFG, 2022.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-495-0509-5

1.Etnologia . 2. Linguagem e internet. 3. Letramento na internet.

4. Pesquisa na Internet - metodologia. I. Título.

CDU : 39:004.738

Bibliotecário responsável: Enderson Medeiros / CRB1: 2276



Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga. Eduardo Arruda, O Globo, 13 set. 2021.

# Agradecimentos



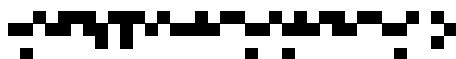
Agradecemos a Camila Leopoldina Batista dos Santos pelas sugestões de temas e organização na etapa inicial de construção deste livro.

Agradecemos a Branca Falabella Fabrício, Daniel Nascimento e Silva e Glenda Cristina Valim de Melo pelas sugestões e dicas de leituras de publicações em português.

Agradecemos a Lua Plaza pela ilustração dos esquemas deste livro.

Agradecemos ainda ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (PPGLL/UFG) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta publicação.

## Sobre a Coletiva Ciborga



Nomeamos o coletivo de pesquisadoras responsáveis pela autoria conjunta deste manual como Coletiva Ciborga. A ideia de ciborgue como imagem metafórica para representar as intersecções entre o “real” e o “virtual”, tomamos de empréstimo de Donna Haraway (2000[1991]), que salienta:

Um ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismo, uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção. Realidade social significa relações sociais vividas, significa nossa construção política mais importante, significa uma ficção capaz de mudar o mundo (HARAWAY, 2000 [1991], p. 36).



A Coletiva Ciborga é uma coletiva de mulheres pesquisadoras feministas que estão situadas tanto nas fronteiras disciplinares dos estudos linguísticos quanto nas fronteiras dos mundos online e offline em seus fazeres etnográficos. Como tais, nossa subversão do termo masculino ciborgue (do inglês *cyborg*, ou *cybernetic organism*) pelo feminino ciborga é uma busca por suscitar novos olhares interpretativos para a relação entre estruturas linguísticas e os corpos híbridos em que elas habitam, explorando a potência das rupturas e (re)invenções diante delas.

## Nós queremos dizer ciborga!



Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga.

## **As autoras que compõem essa coletiva são:**

**Amanda Diniz Vallada:** mestra e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Pesquisa sobre processos de circulação digital de discursos, com enfoque nas relações entre gênero, sexismo e linguagem.

**Ana Luiza Krüger Dias:** mestra e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando principalmente nas temáticas de identidade, políticas linguísticas e metapragmáticas em contextos de mobilidade.

**Bianca Alencar Vellasco:** mestra em Estudos de Língua e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (UEG) e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando em educação linguística crítica e ideologias linguísticas.

**Carolina Fernanda Soares Silva:** mestra em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG), atuando nas temáticas de gênero, sexismo, trajetórias textuais e mídias digitais.

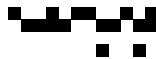
**Joana Plaza Pinto:** educadora e pesquisadora feminista e atua em educação e pesquisa sobre atos de fala e identidades e vários problemas decorrentes desta articulação no sistema mundo moderno-colonial, como corpo, raça e racismo, gênero e sexismo, ideologias linguísticas, regimes metadiscursivos, mobilidades nacionais e transnacionais contemporâneas. É professora titular da Universidade Federal de Goiás e pesquisadora do CNPq, (UFG).

**Karoline de Sousa Soares Silva:** graduada em Letras - Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), foi participante do programa de Iniciação Científica/CNPq e atua nas temáticas de raça, gênero e mídias digitais.

**Maria Rosaria Colangeli de Souza:** graduanda em Letras - Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), membro do Grupo de Estudos Práticas Identitárias e atua nas seguintes temáticas: ser negro, discurso, negritude e racismo.

**Thaís Elizabeth Pereira Batista:** mestra e doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás (UFG). Tem interesse nas áreas: sociolinguística da globalização e estudos etnográficos; e nos seguintes temas: ideologias linguísticas, marcas corporais e marcas de diferença.

# Sumário



<b>Apresentação</b>	<b>16</b>
<b>Capítulo 1 - Introdução à etnografia digital</b>	<b>24</b>
<b>Capítulo 2 - Glossário de termos básicos</b>	<b>37</b>
3Vs	39
Affordance	40
Big Data	42
Colapso do contexto	43
Expansão do contexto	45
Internet incorporada, corporificada e cotidiana	46
Letramento digital	50
Nexo online-offline	51
Redes sociais	52

## **Capítulo 3 – Etapas da Pesquisa ..... 54**

Desenho da pesquisa..... 54

Exploração do campo e exequibilidade da pesquisa..... 66

Seleção, sistematização e armazenamento de  
materiais empíricos..... 77

Análise de materiais empíricos..... 87

Esquema sobre as etapas de uma pesquisa em  
etnografia digital ..... 94

## **Capítulo 4 – Desafios Atuais..... 95**

As redes sociais como campo de pesquisa digital:  
possíveis obstáculos ..... 96

Combinação de etnografia digital com outros  
métodos não digitais ..... 109

O nexos online-offline e a perspectiva etnográfica face a face ..... 115

Migração de pesquisa não digital para pesquisa digital ..... 125

Redesenho de pesquisa ..... 131

Acesso e desigualdades de recursos materiais ..... 138

Questões éticas ..... 143

<b>Chegou até aqui?.....</b>	<b>150</b>
------------------------------	------------

Esquema básico sobre etnografia digital nos estudos da linguagem .....	154
---	-----

<b>Referências .....</b>	<b>155</b>
--------------------------	------------

<b>Para saber mais.....</b>	<b>171</b>
-----------------------------	------------

Textos .....	171
--------------	-----

Vídeos.....	175
-------------	-----

Páginas eletrônicas.....	177
--------------------------	-----

# Índice de Figuras



Figura 1 – Monopólio das redes . . . . .	22
Figura 2 – Biblioteca digital . . . . .	57
Figura 3 – We can do it! Cartaz da II Guerra Mundial. . . . .	60
Figura 4 – We all can do it! Cartaz feminista . . . . .	61
Figura 5 – Busca com “mulher negra dando aula”. . . . .	68
Figura 6 – Análise de materiais empíricos . . . . .	93
Figura 7 – André Dahmer, Folha de S. Paulo, 25 nov. 2020 . . . . .	96
Figura 8 – Laerte Coutinho. Manual do Minotauro, 2020 . . . . .	109
Figura 9 – Resposta automática do algoritmo do Twitter regulando as ações da usuária . . . . .	150

## Apresentação



A percepção de que existe uma lacuna na literatura metodológica sobre etnografia digital em língua portuguesa é a nossa principal motivação para escrever este livro, que se propõe a ser um manual de etnografia digital para iniciantes nas pesquisas em ambientes digitais. Embora pesquisadoras de quaisquer campos disciplinares possam se beneficiar com a leitura e estudo deste livro, nossa proposta é nomeadamente endereçada a pessoas que se engajam nos estudos da linguagem, em especial àquelas interessadas em investigar etnograficamente como a linguagem afeta o meio digital e como o meio digital afeta a linguagem.



Embora a etnografia digital como abordagem metodológica esteja se tornando expressiva dentro dos estudos da linguagem, sentíamos falta de um material que unisse discussões teóricas e exemplos concretos de pesquisas feitas na realidade digital contemporânea. As pesquisas etnográficas digitais de cada uma das autoras deste livro são variadas em temas, em trajetórias e em objetivos; algumas, por exemplo, já nasceram como uma pesquisa digital, outras tiveram que ser rapidamente repensadas para o cenário de pandemia da Covid-19. No entanto, todas elas foram construídas num caminho de muitas tentativas, muitos erros e alguns acertos, com dificuldades e facilidades que eram compartilhadas em nossos momentos de aprendizagem e troca de experiências em grupo - uma ajudando a outra. E então pensamos: por que não juntar todas essas experiências e construir um manual de etnografia digital que possa guiar quem está começando agora?

Por isso, a nossa ideia é passar juntamente com a leitora por diferentes momentos de uma pesquisa em etnografia digital. Antes de tudo, na **Introdução à etnografia digital (Capítulo 1)**, vamos saber o que é etnografia e como a etnografia digital se constituiu como uma vertente etnográfica. Depois, no **Glossário de termos básicos (Capítulo 2)**, conhecemos alguns termos que consideramos fundamentais para lidar com o espaço digital de forma criticamente instruída

- abordamos conceitos considerados óbvios, como internet e redes sociais, e também termos não tanto conhecidos, como nexos online-offline e expansão do contexto.

Em **Etapas da pesquisa (Capítulo 3)**, tratamos sobre como proceder nas principais fases de um estudo etnográfico digital: desenho da pesquisa; exploração do campo e exequibilidade da pesquisa; seleção, sistematização e armazenamento de materiais empíricos; e análise de materiais empíricos. Por fim, em **Desafios atuais (Capítulo 4)**, discutimos sobre contratempos que podemos encontrar fazendo pesquisa nos espaços digitais e, ainda, sobre as dificuldades em continuar nossas pesquisas no cenário pandêmico.

Quando começamos a escrever este manual, uma das decisões que precisamos tomar coletivamente foi como iríamos flexionar o gênero gramatical ao longo dele. O transbordamento das relações de gênero social na língua vem sendo objeto de investigação da linguística feminista desde meados do século XX, a qual questiona, por exemplo, como o uso do gênero gramatical no masculino para designar “todas as pessoas” opera construindo uma naturalização da figura masculina (branca e heterossexual, lembre-se) enquanto portadora do status de sujeito genérico universal. A desinência feminina torna-se, assim, a expressão do gênero que é marcado, razão pela qual foi apropriada pela crítica feminista como uma forma de dizer que a desinência masculina não denota todos os corpos como alegadamente pretende.

Deborah Cameron (2018), em postagem em seu blog,<sup>1</sup> chama a atenção para como a noção de linguagem inclusiva tem ganhado força nos últimos tempos, procurando refletir não apenas sobre as representações linguísticas das mulheres, mas também de outros grupos marginalizados. Sem prejuízo das importantes desestabilizações operadas pelo uso de desinências indeterminadas (*gender-neutral*), gostaríamos de destacar um aspecto enfatizado pela autora e que mostra as relações complexas e multifacetadas entre língua e gênero:

Nesse novo paradigma, a suposição predominante poderia ser resumida como ‘gênero-neutro = inclusivo = bom’ e ‘gênero-específico = excludente = ruim’. Mas vou argumentar que na prática não é assim tão simples. Se desviarmos nossa atenção das formas superficiais e das definições de palavras do dicionário para os detalhes de como elas são usadas na vida cotidiana, logo se tornará evidente que os termos neutros nem sempre são inclusivos, e os termos inclusivos nem sempre são neutros<sup>2</sup> (CAMERON, 2018, n.p.).

- 
1. Intitulado “language: a feminist guide”. Cf. <https://debuk.wordpress.com>.
  2. Todas as citações de obras em inglês que compõem este livro foram traduzidas por nós para o português e as traduções são de nossa responsabilidade.

Talvez não seja necessariamente produtivo propor soluções finalísticas para a questão, já que ela não reside na falta de uma terminologia inclusiva; trata-se, conforme Cameron (2018), de reconhecer a existência de um problema estrutural sedimentado ao longo da história e impregnado em nossos sistemas culturais e linguísticos.

Sendo assim, decidimos, ao longo do manual, utilizar termos mais abrangentes e capazes de abarcar o maior número possível de pessoas. Quando o uso do gênero marcado é necessário, optamos pelo uso do feminino neste livro por duas razões principais. A primeira delas é o fato de que esta coletiva é composta exclusivamente por mulheres, e estamos escrevendo sobre um campo historicamente ocupado por homens, escrevendo para homens e utilizando outros homens como referências principais - razão, aliás, pela qual optamos por destacar, ao longo do texto, o primeiro nome das pesquisadoras e pesquisadores que compõem as nossas referências, conforme as normas da Revista de Estudos Feministas (REF).<sup>3</sup> Sendo assim, o uso do feminino tem aqui o propósito de marcar um deslocamento necessário de lugares no campo científico em que estamos inseridas.

A segunda razão tem a ver com o fato de que somos pesquisadoras críticas do campo da linguagem e, como tais,

---

3. Confira: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref>.

sabemos que usos linguísticos dizem respeito a aspectos da vida social que não estão circunscritos apenas a um sistema denotacional. E quando escolhemos fazer uso de determinadas formas linguísticas num dado contexto, estamos fazendo emergir conexões importantes entre usos linguísticos sedimentados e processos ideológicos e sociais mais amplos.

Quando estávamos em processo de encerramento deste livro, ocorreu o mais longo apagão das plataformas da companhia Facebook até o ano de 2021. Foram mais de cinco horas sem os aplicativos mais populares da internet mundial. Isso nos provoca a pensar o que significa “a internet” hoje, e, mais especificamente, o papel dos grandes conglomerados de tecnologias de informação no comando das nossas vidas cotidianas. Para muita gente, “a internet” é um conjunto de aplicativos de uma única empresa do Vale do Silício.

Isso não é ao acaso. Em 2015, o Facebook, empresa que controla o aplicativo de seu nome e outros dois onipresentes nas nossas vidas (WhatsApp e Instagram), fez um acordo com o governo brasileiro para levar conexão de banda larga para populações de baixa renda, com a promessa de promover o maior acesso a serviços públicos por meio da rede, como parte de uma iniciativa liderada pelo Face-

book com o objetivo de ampliar o acesso à rede.<sup>4</sup> No entanto, isso de fato se converteu num grande monopólio e num acesso dependente e restrito aos ambientes digitais. No recente apagão, por exemplo, a rotina de muitas brasileiras foi substancialmente afetada pela impossibilidade de acesso às redes. Além disso, muitas empresas de pequeno porte tiveram prejuízos com perda de vendas online feitas pelas redes controladas pelo Facebook.<sup>5</sup>

Figura 1 - Monopólio das redes



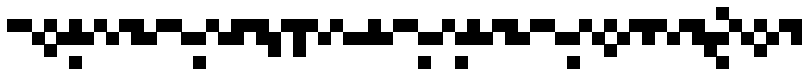
Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga.

4. Confira: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150410\\_dilma\\_facebook\\_pai\\_jf](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/04/150410_dilma_facebook_pai_jf).
5. Confira: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/podcast-e-tem-mais-o-que-o-apagao-do-facebook-deixou-de-licao-para-empresas-e-usuarios/>.

Não é à toa que hoje mais do que nunca a discussão sobre esses monopólios que manejam nossas interações mais ordinárias está sob suspeita e se busca no mundo todo a regulação das empresas, debatendo extração irrestrita de dados, manipulação da vida política, justiça e autodeterminação nos espaços digitais, ética e responsabilidade das empresas e dos governos nesse contexto.

A etnografia digital nos estudos da linguagem tem muito a colaborar nesse cenário, pois deve produzir conhecimento fundamentado não apenas sobre as interações que ocorrem no ambiente digital, mas também sobre o que essas interações têm a ver com as nossas ações pela linguagem moldadas pela forma como o ambiente digital tem sido pensado e desenhado de modos específicos. Como agimos linguisticamente nesses ambientes e com quais possibilidades e limites? Esperamos que este manual possa ser um primeiro passo na direção de pesquisas menos ingênuas e da produção de conhecimentos críticos sobre a linguagem no meio digital. Boa leitura, humana!

## Capítulo 1 - Introdução à etnografia digital



A etnografia digital é uma vertente de uma abordagem metodológica bastante consagrada, mas também igualmente criticada: a etnografia. Talvez, a etnografia seja a maior contribuição da Antropologia para o fazer ciência como um todo (Jan BLOMMAERT; Dong JIE, 2010; Carmem Lúcia de MATTOS, 2011), de maneira que ela se tornou comum a pesquisas da Comunicação à Sociologia. Nos estudos linguísticos, mais especificamente, a etnografia influenciou campos como a Pragmática, a Sociolinguística, a Análise do Discurso, a Análise da Conversa e muitos outros.



Se por um lado a etnografia é apreciada pelo esforço da etnógrafa em promover uma descrição detalhada dos fenômenos observados e pelo seu “projeto interdisciplinar emergente” (James CLIFFORD, 2016, p. 33), ela é criticada por problemas de ordem epistemológica e ética originados em concepções positivistas presentes nas obras fundadoras - como nos trabalhos de Branisław Malinowski e Franz Boas - e, ainda, pelas ideias reducionistas sobre a abordagem - como pensar em etnografia simplesmente em termos de trabalho de campo ou exercício de descrição (BLOMMAERT; JIE, 2010).

O que percebemos nas discussões e tratamentos dessas discussões [de textos clássicos] sobre etnografia é uma redução do campo a **trabalho de campo**, mas de forma ingênua, no sentido de que as questões de crítica epistemológica enredadas em práticas de trabalho de campo aparentemente simples não são levadas em consideração. Trabalho de campo/etnografia é visto como descrição: uma prestação de contas de fatos e experiências capturados sob o rótulo de ‘contexto’ [...] (BLOMMAERT; JIE, 2010, p. 5, grifo no original).

Etnografia é, em linhas gerais, “o estudo, pela observação direta e por um período de tempo, das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas”,

conforme Carmem Lúcia de Mattos (2011, p. 51). Ou seja, a etnografia retira o foco sobre o espécime humano, o indivíduo, e se interessa por grupos (pequenos ou grandes) de pessoas de alguma forma relacionadas (BLOMMAERT; JIE, 2010; MATTOS, 2011). Essa natureza coletiva da abordagem etnográfica é pertinente para o estudo das relações sociais. Nas palavras de James Clifford (2016, p. 33, grifo no original)

A etnografia situa-se ativamente **entre** poderosos sistemas de significados. Coloca suas questões nas fronteiras entre civilizações, culturas, classes, raças e gêneros. A etnografia decodifica e recodifica, revelando as bases da ordem coletiva e da diversidade da inclusão e da exclusão. Ela descreve processos de inovação e de estruturação e faz parte, ela mesma, desses processos.

Ainda segundo o autor, “a escrita etnográfica é alegórica<sup>6</sup> tanto ao nível de seu conteúdo (aquilo que diz sobre as culturas e suas histórias) quanto de sua forma (aquilo que é implicado por seu modo textual)” (CLIFFORD, 2016, p. 152).

- 
6. A alegoria diz respeito à práxis em que uma ficção narrativa alude, de modo contínuo, a outro modelo de ideias ou eventos, é uma interpretação que “interpreta” a si própria (CLIFFORD, 2016).

Nesse contexto, o que é visto em uma pesquisa etnográfica coerente - uma construção acerca de determinado grupo - liga-se a um arcabouço continuamente construído a respeito do que a pesquisadora compreende, sua própria experiência.

O compromisso etnográfico com a investigação dos fenômenos sociais, bem como o esforço pela descrição densa das ações do grupo observado e a falta de suposições anteriores ao trabalho de campo (especialmente nas etnografias mais críticas), tornam a etnografia uma abordagem oportuna para os estudos sobre o meio digital. Como explica Tami Spry (2001, p. 727), “a experiência humana é caótica e confusa, exigindo um pluralismo de métodos discursivos e interpretativos que voltem criticamente os textos sobre si mesmos na emancipação constante de significados.” A etnografia, portanto, oferece uma pluralidade criticamente sustentada para lidar com o aparente caos da linguagem no ambiente digital.

Para Christine Hine (2000), autora de *Virtual Ethnography*, essas qualidades da etnografia seriam vantajosas para ajudar a responder perguntas como: “de que forma a internet afeta a organização das relações sociais no tempo e no espaço?”, “existe uma fronteira entre online e offline?”, e ainda “como as identidades são performadas e experienciadas, e como julgar sua autenticidade?” (HINE, 2000, p. 8-9).

Segundo a autora, a etnografia também poderia apresentar desvantagens para investigar grupos de pessoas usuárias da internet integrada, incorporada e cotidiana. Todavia, essas desvantagens seriam problemas apenas para etnografias não críticas e tradicionalistas, para as quais a presença (face a face) da etnógrafa no campo de pesquisa é uma garantia de objetividade e realismo; ponto especialmente importante ante as críticas de métodos quantitativos sobre a falta de objetividade da etnografia (HINE, 2000).

Para as etnografias não-críticas, a centralidade da interação face a face e a presença física da etnógrafa no campo de pesquisa conferem mais autenticidade e confiabilidade aos dados; ao passo que a impossibilidade de estar fisicamente em campo macula uma suposta autoridade etnográfica capaz de determinar o que existe e o que não existe na realidade do campo de pesquisa. (Amanda Diniz VALLA-DA, 2021, p. 40)

Quando pensamos numa abordagem etnográfica para as pesquisas em Linguística, estamos levando em consideração a ampliação das formas de se obter informações e de construir reflexões críticas sobre usos linguísticos reais, num deslocamento do olhar de uma forma abstrata e totali-

zante das interações para a costura entre aspectos micro e macrocontextuais de práticas linguísticas e, portanto, para o funcionamento de determinadas estruturas sociais emerge em situações de interação específica.

A perspectiva etnográfica também privilegia os movimentos de textos entre diferentes contextos, tanto durante a geração de dados<sup>7</sup> quanto em sua análise (Richard BAUMAN; Charles BRIGGS, 2006 [1990]). Esse processo se torna ainda mais relevante quando consideramos a diversificação dos múltiplos canais de interação na contemporaneidade, tensionada pelo acesso desigual a recursos materiais e digitais, que se traduzem em práticas interacionais fragmentadas e multilíngues.

É importante enfatizar ainda que o processo etnográfico, conforme Dell Hymes (1996), é particularmente apropriado a sociedades democráticas, já que desloca criticamente a divisão entre aquelas pessoas que sabem e aquelas pessoas (e coisas) sobre as quais se sabe. Para fazer emergir tal potencial democrático, a pesquisa etnográfica pode se valer fortemente do trabalho em equipe, envolvendo a par-

- 
7. Usaremos no livro o termo “dados” para fazer referência ao conjunto empírico de materiais que são considerados nas pesquisas. É importante destacar que esse conjunto é uma construção ativa realizada durante o desenvolvimento da pesquisa, considerando o percurso e os recursos disponíveis. Ou seja, os “dados” fazem parte da história da pesquisa, sendo, portanto, dinâmicos e contingentes, e não estão disponíveis como “realidade estática” ou “verdade sobre o mundo”.

ceria de colegas em diversas fases da geração e análise de dados, a colaboração de diversas pessoas na inserção e movimentação pelo campo, além das decisões coletivas sobre as formas de geração e interpretação de dados junto com as pessoas participantes, como enfatiza a pesquisadora Ana Luiza Krüger Dias (2019).

Semelhantemente à etnografia face a face, os estudos etnográficos em meio digital podem gerar algumas complicações para a etnógrafa, dentre as quais podemos mencionar o “choque cultural” ocasionado pelo contato com os grupos de pessoas investigados. Nessa situação, há “um tipo de alteridade onde a diferença é dada politicamente, e onde a empatia etnográfica torna-se um desafio”, segundo Letícia Cesarino (2020, p. 95).

Ainda que a pesquisadora não se engaje em interações face a face com as participantes de pesquisa nem com as usuárias das plataformas online, certos desafios etnográficos permanecem, pois são comuns ao fazer etnográfico, e não exclusividade de ferramentas etnográficas tradicionais.

Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011) falam sobre as possíveis etnografias feitas no meio digital, são elas: a netnografia, a webnografia, a etnografia virtual, a etnografia digital e a ciberantropologia.

A partir da esquematização das autoras, em primeiro lugar, a netnografia (net+etnografia) é um neologismo que foi pensado ao fim dos anos 1990 e relaciona-se à comunicação e ao marketing. Costuma servir como uma metodologia de pesquisa de mercado, monitorando sites e grupos online. A webnografia também é utilizada algumas vezes em pesquisas relacionadas ao marketing e descreve o conjunto de métodos relacionados à análise de conteúdo e à pesquisa etnográfica.

O conceito de etnografia virtual foi popularizado por Christine Hine, em 2000, em sua obra com o mesmo nome. Lá, a autora fala dos princípios do termo e afirma que essa abordagem objetiva considerar toda a complexidade proporcionada no campo da internet. Nas palavras da autora ao sistematizar os princípios da abordagem, “é uma etnografia adaptável que se propõe a adequar-se às condições em que se encontra” (HINE, 2000, p. 65). O campo da etnografia virtual é pensado a partir da reflexividade e da subjetividade (HINE, 2000). Desse modo, Hine defende as possibilidades de experimentações frente às novas situações que o meio digital pode oferecer.

A etnografia digital, metodologia que nomeia este livro, é uma ampliação da etnografia virtual. Dentre seus objetivos, temos “a criação de narrativas audiovisuais colaborativas em uma linguagem que sirva como material de estudo, mas atinja também um público extra-acadêmico” (FRAGO-

SO; RECUERO; AMARAL 2011, p. 198). Ou seja, uma das premissas diferenciais da etnografia digital é a importância de se atingir um público para além da academia.

Além disso, essa vertente dos estudos digitais não prioriza apenas a dimensão online, como faz a etnografia virtual (cuja tendência é excluir a dimensão offline), assim como não faz distinções entre online e offline. A etnografia digital compreende que tudo se conecta no nexo online-offline, de acordo com Piia Varis e Mingyi Hou (2020).

Finalmente, a ciberantropologia procura estudar os seres humanos em meios que os conectam, não necessariamente somente os digitais, e se baseia na obra de Donna Haraway (2000 [1991]), em que a autora traz conceitos da antropologia Ciborgue. Essa abordagem procura compreender como o ser humano, em seu conjunto mais extenso, se reconstrói, tecnologicamente falando.

Como visto,

[...] muitos desses termos são derivados das aplicações mercadológicas e suas definições funcionam ora como instrumentos de operacionalização, em nível de protocolos metodológicos em um contexto micro ou macro, ora como conceituações plurais que procuram teorizar o macro, nos remetendo a questões mais amplas de ordem epistemológica (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011, p. 202).



As teorias e metodologias da etnografia linguística surgem de uma combinação estratégica de linguística com etnografia (VARIS; HOU, 2020). Segundo as autoras,

Enquanto a etnografia ajuda os pesquisadores a chegar em uma compreensão mais profunda dos fenômenos estudados por meio de uma investigação aprofundada dos contextos em que ocorre, a linguística amarra a etnografia 'por meio de uma sistemática análise da linguagem' (VARIS; HOU, 2020, p. 230).

As primeiras pesquisas etnográficas em meio digital não tratavam necessariamente da linguagem (VARIS; HOU, 2000). De outra parte, muitos estudos exploraram a linguagem na internet e na comunicação mediada por computadores, mas predominava a não adoção de uma abordagem etnográfica, e, assim sendo, o ponto de partida desses primeiros estudos era a conexão entre a natureza da linguagem e sua conjuntura de ser mediada. Ou seja, os dados eram considerados isoladamente em relação aos contextos sociais.

Em um segundo momento, os estudos da Pragmática, da Sociolinguística e da Análise do Discurso trouxeram as circunstâncias da linguagem em uso, das variedades linguísticas e dos fenômenos sociolinguísticos offline, como

o multilinguismo e as ideologias linguísticas, que surgiram nas análises dos ambientes online (VARIS; HOU, 2020).

O meio digital “é um texto que é lido e escrito por suas usuárias” (HINE, 2000, p. 48), ou seja, para que houvesse o surgimento da internet e para que haja sua persistência e ampliação, foi/é necessária a interação entre usuárias.

A fala, como componente de uma comunicação puramente humana, tem sido complementada por meios tecnológicos que materializam a linguagem digital. Como Vinícius Santos (2016, p. 7) indica, “novas tecnologias, ao se efetivarem como intermédios das práticas linguísticas, estimulam escalas e recursos de linguagem nos usuários e usuárias”. Sendo assim, os dados presentes online são (ou se tornam) signos linguísticos e esse princípio possibilita que a pesquisadora, pensando nos conceitos dos estudos da linguagem, analise os dados acumulados no meio.

Este meio proporciona oportunidades de acesso e pesquisa do repertório comunicativo das pessoas, juntamente com as complexidades do global e do local, e a possibilidade de traçar as maneiras como as pessoas absorvem o que circula globalmente como parte de seus próprios repertórios (VARIS, 2014).

De acordo com Hine (2000), a tecnologia se torna o efeito de processos sociais e de negociações entre distintos grupos de interesse que percebem, de maneira diferente, na

tecnologia, as vantagens e desvantagens. Varis e Hou (2020) levantam o ponto de que, para compreender esses efeitos, a etnógrafa digital deve estar interessada pela maneira como as pessoas usam a linguagem no meio digital, e assim, como interagem entre si, fazem uso de certos discursos e constroem comunidades, conhecimentos e identidades, por meio e por influência da tecnologia digital.

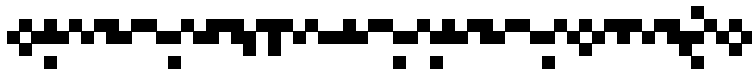
Além disso, vale nos lembrarmos do fato de que “os ambientes digitais têm características próprias, têm gramáticas e linguagens próprias que não podem ser perdidas de vista”, palavras de Beatriz Polivanov (2013, p. 65). Ainda, um enunciado linguístico que está no meio digital, tendo seu meio de inscrição à massa de dados existente, está sendo sujeito a inúmeras probabilidades de manipulação, intervenção, replicações, reedições e mesclagens (SANTOS, 2016).

Santos (2016) ainda discute:

O meio digital, enquanto elemento contextual indispensável, modifica a própria engrenagem contextual na qual se insere, porque em função de sua própria estrutura e padrões se deslocam tempo e espaço da enunciação, além de se reconfigurarem padrões de enunciadador e enunciatário (SANTOS, 2016, p. 39).

Como bem observou Vallada (2020), é importante que busquemos percepções sobre a linguagem que levem em consideração as complexidades das interações pós-digitais e não apenas perpetuem um objeto de estudo no qual informações são transmitidas de mente humana para mente humana. Logo, “chegar a esta Linguística implica em tecer constantes rupturas (ou, ao menos, tentativas de rupturas) epistemológicas com os fundamentos modernos, mentalistas, essencialistas e antropocêntricos que forjaram o pensamento linguístico” (VALLADA, 2020, p. 116).

## Capítulo 2 - Glossário de termos básicos



Neste capítulo, apresentamos brevemente alguns conceitos básicos que podem auxiliar as pessoas interessadas em realizar pesquisas linguísticas por meio de uma abordagem etnográfica digital. O intuito do presente capítulo é colocar em diálogo duas perspectivas importantes neste campo. A primeira delas tem a ver com o próprio ato de etnografar: conforme Jan Blommaert e Dong Jie (2010), a pesquisa linguística de caráter etnográfico configura-se como uma ontologia e uma epistemologia particulares, em virtude de seu caráter de ampliação das formas de participação e construção da vida social. Sendo assim, é importante que

levemos em consideração como os itinerários teóricos compõem o fazer etnográfico de maneira específica - e ainda mais particularmente quando falamos em etnografia digital.

A segunda perspectiva é relativa ao próprio ambiente digital e suas particularidades de funcionamento, que engendram elaborações teóricas capazes de dar maior contorno às transformações aceleradas que testemunhamos no meio digital. Trata-se de um reconhecimento de que os fenômenos online contemporâneos implicam em novas e complexas formações sociais e práticas comunicativas, passando a exigir novos aparatos conceituais e novos vocabulários capazes de problematizar as relações entre língua(gem), sociedade e cultura na contemporaneidade.

O glossário aqui apresentado é amparado em discussões muito recentes na literatura, e insere-se num campo ainda em expansão, combinado com o fato de que as rápidas transformações dos meios digitais tendem a fazer com que tais conceitos ganhem certo ar de efemeridade. Contudo, gostaríamos de enfatizar, neste capítulo, justamente o caráter de deslocamento teórico operado pelo meio digital naquilo que entendemos tradicionalmente por linguagem e por etnografia.

### 3Vs

Volume, Variedade e Velocidade que são analisados pelo Big Data e na qual os dados se caracterizam no meio digital, indicando o conteúdo de uma mensagem (Paul ZI-KOPOULOS *et al.*, 2012). É imenso o volume dos dados online, e eles podem não ser mensuráveis. A variedade, então, como o próprio nome diz, é sobre as categorias de dados que estão (ou não) à disposição. Sobre a velocidade, temos, na internet, uma inteligência que age, na maioria das vezes, simultaneamente ao volume e à variedade.

Quando as relações são mediadas pelo meio digital, o volume, a variedade e a velocidade passam a ter efeito na mente e nas relações semânticas da sistemática compartilhada pelas usuárias das mídias, de modo que as tecnologias da informação se transformam em uma espécie de extensão da mente da falante/usuária (Herbert Marshall MCLUHAN, 1994 [1964]). Ao ocorrer isso, a máquina “colabora para a produção de enunciados suportados por uma série imensurável de imagens, assuntos, referências supervariadas, dentre todas as possibilidades fornecidas pelo universo de dados digitais” (SANTOS, 2016, p. 61).

## Affordance

Qualquer prática humana é regulada pelas condições materiais de sua realização. Isso significa que quando falamos, escrevemos, sinalizamos ou agimos semioticamente fazemos isso sob condições materiais específicas. O conceito de *affordance* nos ajuda a explicar essa regulação. *Affordance* são os contornos materialmente regulados das possibilidades de práticas linguísticas, conjuntos complexos e autorregulados que integram elementos diversificados (Webb KEANE; Michael SILVERSTEIN, 2013). Tem a ver com um certo grau de objetividade do mundo material que limita nossos atos de linguagem. Por outro lado, as circunstâncias materiais objetivas do mundo não são determinísticas e estáticas, porque os contornos materialmente regulados são somente uma possibilidade que pode ou não ser realizada. Por exemplo, a plataforma Twitter, conhecida por permitir tweets com apenas 140 caracteres e por apresentar uma objetividade material da programação que limitava o tipo de material semiótico possível de ser incluído (até então, apenas escrita ou imagem, com ou sem hipertexto), agora permite que as usuárias escrevam com até 280 caracteres, utilizem o recurso de “thread” (uma conexão entre os tweets que produz um texto mais longo do que o previsto no *affordance* inicial desta rede social), e também a postagem de áudios. E



quanto a isso, existe uma particularidade: a função está disponível até o presente momento – outubro de 2021 - apenas para dispositivos IOS. No caso de dispositivos Android, o recurso para gravar áudios aparece disponível apenas no envio de mensagens diretas.

Uma das regulações importantes proporcionadas pelo *affordance* é a estruturação de um regime metadiscursivo próprio. Sendo assim, a interação no contexto online já emerge como entextualização, porque está acoplada ao regime metadiscursivo do *affordance*. O que isso significa? Significa que o fluxo interacional no contexto online é estruturado de tal forma que as participações são hierarquizadas em posições pré-definidas pelo metadiscorso estabelecido no *affordance* e já são incluídas em posições pré-definidas extraíveis prontas para recontextualizações. “Postagem” e “comentário” são termos metadiscursivos usados para extrair pedaços interacionais e recontextualizá-los, muitas vezes desconsiderando a cadeia interacional de outras postagens ou comentários em que aquele pedaço interacional foi produzido e ajustando um novo enquadre metapragmático a ele. Essa regulação metadiscursiva do *affordance* é tanto usada quanto contestada. Resumindo: “*Print is a bitch*”.

## Big Data

Termo usado para fazer referência a um conjunto tão elevado de dados que se torna necessário o uso de outras tecnologias para o seu armazenamento, interpretação e uso. Esse termo começa a ganhar mais força em 2005, quando a Web 2.0 já estava em voga. *Big Data* também é uma forma de fazer menção às empresas que manipulam esses megadados, como a Amazon, a Microsoft, o Google, o Facebook, o Instagram e o WhatsApp. O *Big Data* está presente no nosso cotidiano e são três suas características centrais: o volume, a variedade e a velocidade (ZIKOPOULOS *et al.*, 2012). Ele está presente na dinâmica do algoritmo do nosso navegador, quando pesquisamos e recebemos o resultado de algo. Ele está presente nas sugestões de filmes e seriados dos serviços de streaming que utilizamos. Ele está presente nas nossas redes sociais, que com base nos cliques que distribuímos nos direciona para certos tipos de propagandas. A nossa presença cotidiana em plataformas virtuais alimenta e interage com esse mega sistema de armazenamento de dados. A partir desse grande volume diariamente armazenado e disponibilizado muitas vezes pelas próprias usuárias, grandes empresas conseguem gerar outros dados mais sofisticados, como padrões comportamentais, históricos de consumo e acesso etc. O termo *Big Data* também aparece no

sentido de alerta para as consequências de uma sociedade detentora de tantos dados e informação. Portanto, é comum que o assunto *Big Data* apareça relacionado a discussões políticas, éticas e de mercado. Evgeny Morozov (2018) o utiliza para falar das “agendas compartilhadas das empresas de tecnologia”. Byung-Chul Han (2018) se refere a ele como a um “panóptico digital”. Recentemente, vem se intensificado alertas para o uso do *Big Data* como uma ferramenta perigosa de massificação de dados e replicação desonesta (isto é, um mesmo segmento de informação repetido muitas vezes para um determinado público-alvo) de notícias falsas.

## Colapso do contexto

Como as interações em ambientes digitais afetam a constituição dos contextos interacionais? Responder a essa pergunta não tem sido uma tarefa fácil, pois a própria noção de contexto tem sido objeto de debate nos estudos de linguagem em geral. Contexto é uma palavra bastante problemática, pois tem indiciado muitos aspectos diferentes dos elementos que estão envolvidos no significado linguístico. O que compõe um contexto pode incluir desde os elementos da frase, como na argumentação de Gottlob Frege (2009), que destacou que o significado de uma palavra é seu sentido no contexto de uma frase, até processos históricos e a economia textual, como na argumentação de Richard Bauman e

Charles Briggs (2006 [1990]). As interações digitais acentuam a complexidade do problema do contexto e é importante ficar atenta ao que afeta os textos que se analisa numa dada pesquisa de linguagem em ambiente digital. Assim, é fundamental ficar atenta ao debate sobre colapso e expansão do contexto em ambientes digitais. Foi o trabalho de Alice Marwick e danah boyd (2010) que discutiu pela primeira vez o problema do colapso do contexto como efeito dos ambientes digitais. As autoras partem da discussão de Erving Goffman sobre a audiência imaginada nas interações face a face para tentar entender como as pessoas usam pistas do ambiente digital para imaginar com quem estão interagindo. As autoras entrevistaram pessoas usuárias do Twitter com contas ativas e bem seguidas e, a partir dos resultados, argumentaram que o que ocorre no ambiente digital é um colapso do contexto, isto é, a multiplicação de contextos e a sobreposição de audiências num mesmo evento interacional. Para elas, o ambiente digital leva a uma indeterminação da audiência, afetando as configurações do privado e do público nas interações, já que num mesmo evento interacional, a pessoa pode ter como audiência familiares, amigas, chefes, clientes, pessoas desconhecidas etc., o que leva a uma intensificação do monitoramento da auto-apresentação de interactantes. Além disso, o colapso do contexto é usado para

discutir como ambientes digitais tornam mais complexas e complicadas as configurações de tempo e espaço. Como observa Vinicius Santos (2020), o colapso de contexto significa um contexto social complexo e, como consequência, produções semânticas e práticas performativas complexas.

## **Expansão do contexto**

Jan Blommaert, Laura Smits e Noura Yacoubi (2018, p. 13) criticam a noção de colapso de contexto na medida em que ela promove uma “conceitualização abstrata de contexto como algo que só é transparente quando nós colocamos seres humanos em situações transparentes em comunidades transparentes”. Com isso, vemos que a visão do colapso do contexto nas interações digitais pode ser discutida de outro modo, fazendo uso da noção de expansão do contexto. Expansão do contexto ajuda a explicar “formas de ação social desempenhadas de forma colaborativa por pessoas que recorrem aos recursos disponíveis e às expectativas normativas que mantêm em relação a formas específicas de ação social” (SZABLA; BLOMMAERT, 2018, p. 27). Malgorzata Szabla e Jan Blommaert (2018) argumentam que as pessoas apresentam uma capacidade bastante flexível, expansível e dinâmica nas interações em ambientes digitais, selecionando interactantes específicos, segmentando e mudando as

estruturas de participação ao longo das interações de que participam em ambientes digitais. Atuando sempre em contextualização como processo ativo e reflexivo de negociação, incorporando avaliações de sua estrutura e importância na interação, as pessoas nos ambientes digitais não se dirigem a todas as audiências disponíveis, mas selecionam com quem estão interagindo em determinado evento e parecem lidar muito bem com a variação de características de contexto para formas de ação específicas em ambientes digitais - mesmo na longa discussão de Facebook estudada por Szabla e Bloammaert (2018), “um mosaico de ações diferentes” que quebra a expectativa de coerência e sequencialidade dialógica. O intenso trabalho de contextualização feito pelas participantes das interações online mostra que o contexto não colapsa, apenas a ideia de contexto óbvio e transparente deixa de ser útil. Somos nós, pesquisadoras da linguagem em ambientes digitais, que devemos lidar com as interações online com instrumentos teóricos e analíticos mais flexíveis e precisos (BLOMMAERT; SMITS; YACUBI, 2018).

### **Internet incorporada, corporificada e cotidiana**

Em seu livro de 2015, Christine Hine reflete sobre o caráter e a atuação da internet na vida das pessoas à época,

e o que isso representa de desafio para as etnógrafas digitais. Ainda que seis anos seja tempo suficiente para que a internet mude em muitos aspectos, as qualidades que Hine (2015) encontra na rede global que conecta dispositivos computacionais e permite o compartilhamento massivo de dados se mantêm até hoje: a internet é incorporada, corporificada e cotidiana.

O caráter incorporado da internet não se refere apenas à quantidade de aparelhos utilizados no nosso dia a dia que se conectam à internet e se tornam fundamentais nas diversas atividades domésticas, de lazer e de trabalho (o computador ou notebook, o celular, o relógio, o tablet, o leitor de livros, a televisão, os dispositivos de assistência digital etc.). Pode-se também qualificar a internet como incorporada (isto é, integrada) devido à noção de que ela se entrelaça a múltiplas formas de contexto e enquadres de sentido (HINE, 2015). Para a etnografia contemporânea, isso implica olhar para a internet como um cenário do qual emergem práticas socioculturais altamente influenciadas pelo contexto (digital e não digital, simultâneo ou prévio) em que estão inseridas, não como uma folha em branco em que as interações acontecem num ambiente estéril, sem “contaminações” ideológicas e sociais do chamado mundo real, como se pensava no início dos estudos sobre o ciberespaço. “A internet incorporada representa um desafio metodológico

na medida que os enquadres do fazer sentido que a etnógrafa deve estudar são inicialmente imprevisíveis, frequentemente diversos e podem demandar agilidade de métodos e mobilidade de foco consideráveis” (HINE, 2015, p. 14).

Abandonar a própria ideia de um ciberespaço, isto é, um ambiente novo (somente) virtual, à parte de estruturas sociais não virtuais (o “mundo real”), é importante quando consideramos a internet como corporificada. A internet está tão integrada em nossas vidas e em nossas formas de fazer sentido que dificilmente podemos considerar nossas atividades virtuais como fenômenos separados de nossos corpos, como um momento em que simplesmente pudéssemos “largar a carne para trás” (David BELL, 2001). Até mesmo a expressão “entrar na internet”, há alguns anos tão comum, tem sido deixada de lado.

Você se lembra de quando se falava coisas como “quando chegar em casa, vou entrar na internet”? Se você era criança ou adolescente na era da popularização da internet no Brasil, talvez até tivesse um dia da semana específico para entrar na internet, como quem tinha o dia da aula de natação ou de balé. Hoje, “não necessariamente pensamos em ‘entrar na internet’ como uma experiência separada, mas, do contrário, constantemente experienciamos estar na internet como uma extensão de outras formas corporifica-



das de ser, estar e agir no mundo” (HINE, 2015, p. 41). Mais e mais, a internet se torna parte de nossa experiência enquanto sujeitos corporificados e posicionados socialmente. Para a etnógrafa que faz pesquisa em meio digital, o desafio metodológico está em lidar com a propriedade diversa da experiência online, tanto a própria quanto a de suas participantes ou pesquisadas. Conforme Hine (2015), a alternativa a esse problema é incluir métodos reflexivos e autoetnográficos na pesquisa.

Sendo incorporada em nossas formas de fazer sentido e corporificada a nós mesmas, a internet é, também, cotidiana. Todos os dias, durante todo o dia, estamos online, o que nos faz pensar nas atividades digitais como uma situação que não requer muita atenção crítica, uma atividade não marcada. Nesse sentido, a internet, assim como o *affordance* das diferentes plataformas, aparenta ser apenas uma infraestrutura para realizar outras ações. No entanto, “mesmo que a internet pareça ter se tornado banal, [...] pode ser importante examinar de perto o que deixamos as aplicações de internet em que confiamos realizar para nós” (HINE, 2015, p. 46). A internet cotidiana representa para a etnógrafa digital a problemática metodológica de tornar visíveis, para nós mesmas, antes de tudo, os efeitos da internet no nosso dia a dia, bem como, em nossos campos de pesquisa (HINE, 2015).

## Letramento digital

Levando sempre em consideração que o letramento é uma prática social, as práticas de letramento se referem ao que “as pessoas fazem com o letramento” (David BARTON; Mary HAMILTON, 2000, p. 1) e sendo assim, trata-se de processos abstratos de aprendizagem que têm sua importância definida pelas relações de poder. Recentemente, inspirados por Paulo Freire, os estudos sobre os letramentos começaram a se interessar e inserir as práticas sociais que vão além das antes convencionais, para além da escrita, abrangendo concepções mais amplas sobre letramentos radiofônicos, televisivos, digitais etc. (Luiz Paulo da MOITA LOPES, 2010). Por isso, existem múltiplas possibilidades de letramento e o digital é uma dessas perspectivas. O meio digital intensificou, na contemporaneidade, a multimodalidade, ou seja, a coexistência de diversas linguagens: textos, imagens em movimento, sons, manipulação de dados etc., tudo junto em um mesmo dispositivo (Mary KALANTZIS; Bill COPE, 2015). Podemos dizer, então, que temos a possibilidade de “falar, escrever e criar imagens através do tempo e do espaço usando as mesmas ferramentas que temos para ouvir, ler e ver” (KALANTZIS; COPE, 2015, p. 18). Assim, as leitoras nas mídias online são, ao mesmo tempo, escritoras e as espectadoras são simultaneamente criadoras de conteúdo. Por fim, é im-

portante que se saiba que o processo de letramento e o letramento digital se definem também pela possibilidade de ocorrer em diversas situações. Com isso, é necessário pensar que é mais justo com todas, pesquisadoras e pessoas envolvidas na pesquisa, quando este processo é visto a partir de uma perspectiva processual, contextual, contestadora e com práticas coletivas.

### **Nexo online-offline**

Mesmo que a palavra “digital” nos remeta aos ambientes mediados pela internet na Web 2.0, uma etnografia digital deve sempre ficar atenta ao nexo online-offline. O que isso significa? Primeiro, significa que as ações que vemos ocorrer no ambiente online estão conectadas ao ambiente offline e essa conexão é uma via de mão dupla: o que ocorre online tem efeitos nas ações offline e o que ocorre offline tem efeitos nas ações online. Isso pode ser visto em postagens em redes sociais que comentam eventos ocorridos nas ruas, ou em eventos ocorridos “para postar” nas redes sociais, como a famosa selfie. Segundo, o nexo online-offline afeta também as características de cada um desses ambientes, trazendo complexidade e multiplicidade aos eventos. Isso pode ser visto na forma como comunidades online constroem teorias conspiratórias explorando o cará-

ter disperso e desencarnado das mídias sociais, ao mesmo tempo em que promovem uma coesão interna que reverbera em ações offline, como manifestações de rua que são articuladas pelos aplicativos de conversa. Por fim, podemos concluir que o nexo online-offline tem a ver com “a integração de infraestruturas online nos padrões de conduta da vida cotidiana” (BLOMMAERT *et al.*, 2019, p. 96), sobrepondo modos de ação online com modos de ação offline, de maneira que quem pesquisa precisa ficar ligada nessa conexão.

## **Redes sociais**

São plataformas nas quais as pessoas estabelecem relações por meio de conexões mediadas pela internet. Em geral, as pessoas podem construir perfis que se limitam ao *affordance* da plataforma e se relacionar com outras pessoas que também estão ativas nesse meio. Esses perfis podem ser construídos com diferentes níveis de privacidade ou podem ser totalmente públicos conforme as opções de privacidade de cada rede. Os objetivos desempenhados nessas conexões podem variar conforme a rede social, que oferece as mais diversas opções de conexões, desde listas de amizades, como o caso do Facebook, até listas de seguidoras, como no Instagram. Os contatos podem se dar com pessoas já conhecidas ou para promover novas redes com pessoas

totalmente desconhecidas no ambiente offline. Conforme apontam Kalantzis e Cope (2015), essas novas mídias transformaram o equilíbrio entre agência cultural e epistêmica, já que todas as pessoas hoje em dia podem se tornar repórteres, por exemplo, ao filmar e postar em uma rede social ou *tweeter* um acontecimento que presenciou. Para Blommaert e Jie (2019), o uso dessas redes têm alterado as fronteiras entre esfera pública e privada, na medida em que todas as ações realizadas de forma online geram dados em sistemas de controle e vigilância que podem afetar nossas vidas ainda que de forma praticamente invisível.

## Capítulo 3 - Etapas da Pesquisa



### Desenho da pesquisa

Como já escrevemos antes, o próprio ato de etnografar implica numa observação participativa e numa apresentação construída dos dados (HYMES, 1996). Isso se alinha com o objetivo de manter o compromisso com a empiria nas pesquisas etnográficas, ou seja, as estratégias de exploração do campo, as ferramentas utilizadas e alguns dos conteúdos específicos a serem pesquisados serão oportunizados pelo próprio campo. Além disso, as formas de geração e interpretação dos dados também envolvem os movimentos do campo - o que inclui considerar os eventuais (diríamos certos!) imprevistos que irão ocorrer ao longo do processo de pesquisa. Caso esse campo envolva ainda a participação de outras pessoas, é importante que se estabeleça uma ética de decisão coletiva

sobre os processos da etnografia, reconhecendo as tensões que atravessam a pesquisa e as constantes negociações que precisamos fazer diante delas. Todos esses são aspectos que devemos ter em mente ao fazermos o desenho de uma pesquisa de caráter etnográfico em meio digital.

O primeiro passo, de fato, é a escolha de um tema. A escolha de um tema de pesquisa em etnografia digital ocorre como qualquer outra pesquisa: as condições socio-históricas direcionam nossas escolhas. Um assunto está bombando? Você viu um meme no Facebook e depois notou que a imagem do mesmo meme foi pintada num muro da cidade, fotografada e também postada no Facebook? Que trânsito é este entre postagem, muro da cidade e de volta à postagem? Há muitos tweets com a mesma hashtag e ela está no *top trend* desta semana? Um evento ocorreu num bairro da cidade e foi filmado e compartilhado nas mídias? Um perfil anônimo nas mídias provocou uma manifestação de rua? Estava querendo pesquisar um movimento social e descobriu que o movimento bomba no Instagram?

Muitos podem ser os motivos para escolhermos um tema digital para nossa pesquisa. Pode ser por interesse num evento específico, como os listados acima. Pode ser por estar envolvida com um grupo de pesquisa que prioriza o campo digital e assim você já está familiarizada com as bases teóricas e metodológicas. Pode ser por viver uma pandemia viral mundial que a impede de construir seu campo empírico em interações face a face. Qualquer que seja a “porta

de entrada” no campo digital, certamente o passo inicial a ser dado é restringir o campo para se trabalhar com maior segurança no universo volumoso, variado e veloz do digital. Sendo assim, restrinja seu interesse levando em consideração o evento motivador, mas também seus conhecimentos prévios e interesses conectados. Por exemplo, Diego Silva (2018) é um pesquisador da área de estudos da tradução e observou a expansão das legendagens piratas<sup>8</sup> em ambientes digitais. Como havia muita legendagem pirata na época, multiplicando as problemáticas ligadas ao tema, Silva (2018) restringiu suas buscas iniciais aos fóruns de debate sobre as legendagens em redes sociais e em fóruns fechados em sites especializados. Isso ofereceu a ele uma noção inicial dos temas e problemas que surgem no campo digital escolhido e o ajudou a organizar os passos seguintes: a revisão bibliográfica e a contextualização do problema.

Fazer uma revisão bibliográfica nos portais de periódicos e banco de teses ajuda a descobrir se mais alguém já pesquisou o campo de interesse, mas também orienta em direção aos temas e problemas que o campo oferece. Essa primeira revisão ajuda a ver se existe algum caminho já percorrido em relação ao tema e vai atualizá-la em relação ao

- 
8. “Legendagem pirata” é um termoêmico usado por usuárias nos mais diversos fóruns e redes sociais para referir às práticas, em geral coletivas, de traduzir, criar os arquivos digitais e sincronizar legendas para arquivos de filmes e séries estrangeiras e disponibilizá-los de maneira livre e gratuita para outras usuárias que baixam os filmes e séries em plataformas gratuitas e sem licença de direitos autorais (SILVA, 2018).



vocabulário usado para tratar do tema. Esse cruzamento entre seus interesses pelo campo de pesquisa e a revisão bibliográfica evita que você comece sua pesquisa “inventando a roda”. Por exemplo, uma das coisas que Diego Silva (2018) descobriu enquanto fazia revisão bibliográfica é que a legendagem pirata online não tinha sido ainda estudada no campo dos estudos da linguagem, mas sim em outros campos de estudos e fora do Brasil. Os resultados da revisão orientaram a forma como ele entrou no campo.

Figura 2 - Biblioteca digital

Quando você também quer mostrar sua biblioteca de fundo nas reuniões online, mas só tem PDFs.



Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga.

Ao mesmo tempo em que a produção bibliográfica sobre o tema é revisada, pode-se construir um caderno que ajude a contextualizar o campo de pesquisa. Blommaert e Jie (2010, p. 17) destacam que “os eventos sociais [são] contextualizados e ordenados, não aleatórios. O que quer que as pessoas façam, elas o fazem em um ambiente social real no qual todos os tipos de forças operam: cultura, linguagem, estrutura social, história, relações políticas e assim por diante.” Por mais que pareça que o campo digital seja ainda mais caótico do que o campo das interações face a face, é certo que todo evento social ocorre situado em camadas de contextos, como nos explicam Blommaert e Jie (2010) - do microcontexto (contextos contingentes, como a denúncia contra uma liderança religiosa que retira do ar um canal no YouTube, ou a falta de sinal de internet ou de energia elétrica para carregamento do seu dispositivo justamente no dia de uma transmissão ao vivo relacionada ao seu campo, ou a mudança de interesse profissional de uma participante da pesquisa alterando seu papel no campo) aos macrocontextos (históricos, políticos, sociais e culturais, sedimentados em práticas institucionais e/ou hegemônicas).

Além disso, é importante levar em conta o tempo que você tem disponível para realizar a sua pesquisa e as suas condições de acesso aos meios necessários para explorar o campo. Lembre-se de que uma pesquisa não está apartada da vida que acontece fora e ao redor dela e, como tal, não

ocorre de forma linear e unidirecional, num caminho sequencial e sem obstáculos que vão da teoria à metodologia e em seguida ao resultado - ainda que muitas vezes sejam narradas como tal, num apagamento de dados e etapas consideradas indesejáveis.

Sendo assim, conhecer ao máximo os contextos envolvidos com o tema aumenta as chances de reconhecer elementos durante o processo etnográfico e com isso saber fazer as perguntas certas sobre o(s) evento(s) pesquisado(s). Foi assim com a pesquisa de Carolina Silva (2020), que, ao buscar saber mais sobre o contexto da imagem conhecida como “Rosie, a Rebitadora”, usada em vários memes feministas e antifeministas, descobriu que era uma imagem da década de 1940, usada para convocar mulheres para o trabalho de fábricas durante a II Guerra Mundial;<sup>9</sup> esse elemento do contexto da circulação da imagem levou a outros contextos que a ajudaram a compreender melhor os processos de produção, de circulação e as contradições de memes em comunidades antifeministas no Facebook e delimitar seu tema de pesquisa incluindo a circulação passada da imagem e não apenas sua presença mais recente no ambiente digital.

- 
9. Segundo Lícia Heine e Myrian Sales (2020), o cartaz de “Rosie, the Riveter” (Rosie, a Rebitadora – em português) foi feito por J. Howard Miller no período da Segunda Guerra Mundial, especificamente em 1942, para o Comitê de Coordenação de Produção da Guerra nos Estados Unidos, com o intuito de atrair mulheres para o trabalho nas fábricas, já que os homens deste local estavam se deslocando para a batalha na guerra.

Figura 3 - We can do it! Cartaz da II Guerra Mundial



Fonte: Arquivo pessoal de Carolina Silva (2020).

Figura 4 - We all can do it! Cartaz feminista



Fonte: Arquivo pessoal de Carolina Silva (2020).

Assim, quando se está escolhendo um tema de pesquisa, é preciso acumular o máximo de elementos dos contextos que estão envolvidos com o tema, assumindo que o que se pesquisa está enraizado num tempo e espaço e que, por mais que a etnografia exija uma atenção aos detalhes do evento analisado, tais detalhes só adquirem sentido, força e efeito na cadeia de processos e fenômenos macroestruturais que os possibilitam.

É necessário que tenhamos sempre em perspectiva que uma narrativa de pesquisa é informada pelas trajetórias complexas percorridas pelos diversos tipos de textos que a compõem, e está inserida numa complexa rede de recursos materiais, institucionais e afetivos. Entre esses processos e fenômenos, estão as infraestruturas do universo digital, que afetam diretamente a exequibilidade da pesquisa. Assim, é importante atentar-se que existem mecanismos que implicam e impactam diretamente uma etnografia digital: são necessários recursos materiais específicos tanto no que diz respeito ao hardware, quanto no que diz respeito ao software.

No caso do hardware, a parte física do dispositivo computacional que será utilizado para a pesquisa, é fundamental ficar atenta a algumas dicas. Primeiro, confira se os dispositivos de que você dispõe - celular, tablet, laptop, computador - são suficientes para construir, salvar e manejar o conjunto empírico que o campo pode oferecer. Por exemplo, é possível realizar uma pesquisa usando apenas

um celular? Sim. Mas é preciso levar em conta os empecilhos que tal dispositivo pode apresentar. Em qual ou quais plataformas online será realizada a pesquisa? Como é feita a abertura dessa plataforma no celular? Em alguns casos, certos sites e/ou programas funcionam melhor em um computador, permitindo um acesso mais amplo a todas as ferramentas do ambiente digital escolhido. Outro exemplo, se você vai analisar postagens de qualquer tipo - vídeos no YouTube, posts no Facebook, memes em redes sociais diversas, tweets etc. - você precisa de espaço de memória em hardware para armazenar o material que você for salvando ao longo do seu percurso no campo. Lembre-se que pode ser que você armazene muito mais material empírico do que vai analisar, pois esse acúmulo de registros empíricos compõem o processo de seleção de dados.

Sobre o software, os recursos de processamento lógico presentes nos dispositivos computacionais, este envolve a

[...] necessidade de descrever e analisar tanto as ações humanas quanto as não humanas em rede. Mais além, ela implica também na observação e análise das molduras de ação e interação que são continuamente reconstruídas pela agência maquínica (RAMOS, 2016, p. 43).

O software envolve, assim, ações que a máquina e as pessoas realizam em interação, implicando assim o *affordance* limitado pelas instruções de processamento e pelas essas ações da máquina e das pessoas. Por exemplo, Diego Silva (2018) tentou acessar os grupos de legendagem atuantes em um site especializado em legendagens piratas gratuitas de séries e filmes, no entanto, o processamento do site não permitia que se navegasse além da página inicial dos grupos, limitando o acesso a todas as pessoas e, com isso, restringindo sua pesquisa. Em função dessa limitação da interface do banco de dados do site, o pesquisador buscou outros locais de encontro dos grupos de legendagem.

É importante ainda se atentar à velocidade e à estabilidade da internet para a geração dos dados. Uma internet mais rápida gera dados mais rapidamente. Não ter uma internet tão rápida **não** é um impedimento, mas pode tornar a geração de dados mais morosa e instável no que diz respeito ao carregamento de dados, como veremos mais adiante. A história da construção dos dados e a maneira como foram pesquisados e selecionados são importantes para a pesquisa, independentemente de como comprometem sua geração. As complexidades do contexto, em todos os aspectos, não são problemas e fazem parte do processo etnográfico, mas precisamos ao menos tentar estar preparadas e construir uma ética que informe as decisões que iremos tomar ao longo de nossas pesquisas.



A pesquisadora Ana Luiza Krüger Dias (2020), num texto em que reflete sobre a sua própria implicação enquanto pesquisadora na circulação de textos e produção de efeitos em contexto de pesquisa, propõe uma perspectiva que nomeia de “Linguística do Tensionamento” para olhar para os processos de desestabilização, ressignificação de contextos e criação de novas realidades a partir da falha, deslocando a forma com que concebemos práticas linguísticas e conduzimos nossas pesquisas. No atual contexto pandêmico que se impõe à sua pesquisa de doutorado - inicialmente pensada como uma etnografia face a face e posteriormente transformada numa etnografia digital, ela reconhece que

[...] entrei em contato com diversas discrepâncias entre as categorias teóricas e a realidade empírica, gerando impasses de diversas ordens. De alguma forma, percebi que as categorias de análise propostas pela literatura não se encaixavam propriamente ao cenário diante de mim. Caminhei entre perguntas do tipo ‘será que estou procurando as respostas nos lugares errados?’ ou ‘será que estou fazendo as perguntas erradas?’, para então me questionar: ‘será que é preciso encontrar respostas?’ (DIAS, 2020, p. 250).

Em qualquer pesquisa, as coisas não só podem como vão dar errado, já que o imprevisto e a contingência fazem parte das interações pela linguagem. Sendo assim, a etnografia pode começar a se desenhar como terreno fértil para entendermos as chamadas “falhas de comunicação”, as perdas de conexão e as dificuldades envolvendo software e hardware como importantes informações de pesquisa, já que é partir das desestabilizações e desregulamentações dos modelos linguísticos tradicionais que colocamos a língua em movimento e a transformamos.

## **Exploração do campo e exequibilidade da pesquisa**

No processo de escolha do tema ocorre um direcionamento para o material empírico que vai constituir a pesquisa. É partindo do interesse da pesquisadora em se debruçar sobre determinado tema que se escolhe o material empírico a ser analisado. A pesquisadora Karoline Silva (2020), por exemplo, tinha como foco de interesse as pesquisas étnico-raciais. Mesmo sem ter ainda definido o tema, a etnógrafa já tinha um olhar direcionado aos eventos, movimentos e interações que incluíam questões étnico-raciais no ambiente digital. Considerando esse foco, Karoline Silva explorou o ambiente digital em manchetes de jornal, man-

chetes de blogs, postagens em redes sociais, comentários nas postagens em redes sociais, resultados de pesquisa nos buscadores, entre outros.

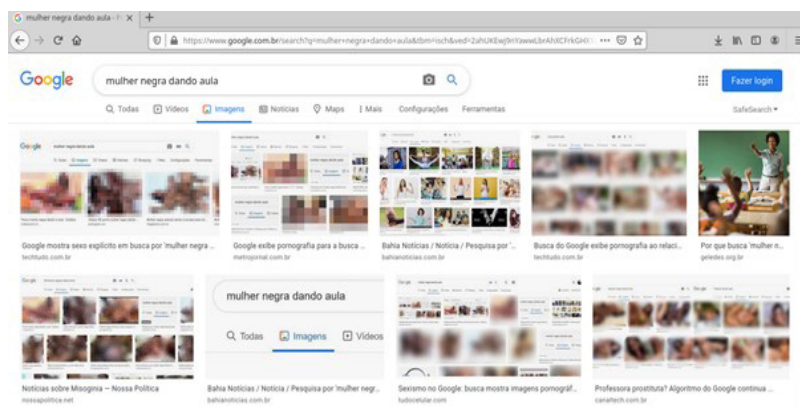
Dentre estas e várias outras plataformas, é possível encontrar textos que por vezes se confundem por serem parecidos. É partindo dessa ponderação que a pesquisadora pode tomar dois caminhos até escolher o foco específico que vai adotar. O primeiro caminho possível é seguir um ambiente digital específico (plataforma, rede social, blog, portal etc.) mais relevante para o foco escolhido em direção aos textos que circulam em tal ambiente, como postagens e comentários numa rede social. O segundo caminho possível é seguir as múltiplas entextualizações<sup>10</sup> de um texto em ambientes diferentes devido às especificidades do *affordance*, observando como um texto se transforma em entextualizações específicas em cada ambiente, por exemplo o que acontece quando uma “mesma” publicação na rede social Twitter é usada em um blog ou site jornalístico. Os dois caminhos não se excluem durante a exploração do campo; ao contrário, trabalhados juntos podem ajudar a construir um caderno de campo consistente com contextualização detalhada do tema.

---

10. Resumidamente, entextualização é o processo de movimento de um texto em diferentes contextos. Para saber mais, recomendamos a leitura de Bauman e Briggs (2006).

A pesquisa de Karoline Silva (2020), focada no campo interseccional das questões étnico-raciais e de gênero, tomou inicialmente o segundo caminho: explorou a circulação de notícias sobre a associação feita pelo buscador Google entre o texto “mulher negra dando aula” e imagens pornográficas. Esse caminho levou a pesquisadora a uma variedade de textos correlacionados em diferentes blogs de feminismo negro como Geledés,<sup>11</sup> blogs de tecnologia da informação trazendo explicações sobre como o buscador Google funciona, sites com textos expositivos sobre a repercussão desse processamento enviesado do buscador, entre outros, tudo relacionado ao mesmo texto “mulher negra dando aula”. Como se pode ver logo abaixo.

Figura 5 - Busca com “mulher negra dando aula”



Fonte: Arquivo pessoal de Karoline Silva (2020).

11. Visitem: <https://www.geledes.org.br/>.

Nesse caso, ela explorou um texto e suas múltiplas entextualizações em diferentes ambientes digitais. No entanto, ela também explorou diferentes textos no mesmo ambiente, ao fazer “testes” de como o buscador Google estava processando outros textos correlacionados ao primeiro depois das notícias e críticas recebidas pelos resultados de imagens pornográficas. Finalmente, tendo explorado as conexões entre esses dois caminhos, Karoline Silva (2020) percebeu a pertinência de focar especificamente nas variações atualizadas do processamento do buscador Google para o texto “mulher negra dando aula” e outros similares, todos relacionados a padrão de beleza, já que o processamento em questão era o da aba “imagem” desse buscador.

A partir desse ponto, é necessário que pense, retome e elabore a versão final das perguntas de pesquisa, pois elas são o filtro de ajuda para a seleção final do material empírico. O que também auxilia nesse momento é a elaboração final dos objetivos de pesquisa, que oferece um foco para escolha dos textos e/ou plataformas que servirão como guia da pesquisa.

É crucial que a pesquisadora em formação tenha consciência de que a ordem dos processos pode variar e que este livro pretende auxiliar e entregar algumas possibilidades de caminhos, não limitando a pesquisadora quanto à ordem dos processos.

Tendo feito essa exploração do campo e definido o foco específico, com perguntas e objetivos de pesquisa, agora o interesse é discutir a respeito da exequibilidade da nossa pesquisa. A exequibilidade da pesquisa contempla as condições de realização do projeto. Aqui, vamos destacar quatro condições que tornam a pesquisa exequível e devem ser pensadas até (e também durante) o momento de exploração do campo, ao menos em um cenário ideal.

A primeira condição são os recursos materiais mínimos, já discutidos em detalhe na seção anterior. Para este, vale lembrar que a qualidade dos dispositivos computacionais e da velocidade de internet a que a pesquisadora tem acesso influenciam na execução da pesquisa. Uma plataforma que carrega dados mais pesados, como vídeos do YouTube, demanda mais da capacidade de internet do que uma plataforma que trabalha com dados mais leves, como o WhatsApp. Ainda, a depender das necessidades de tratamento dos dados, como transcrever vídeos ou tornar irreconhecíveis nomes de usuárias, por exemplo, pode ser preciso usar um software que roda apenas em computador ou notebook.

A segunda condição, diretamente relacionada com a primeira, é a financeira. Quanto dinheiro deve ser despendido para realizar sua pesquisa? Onde esse dinheiro será empregado? Tem que mudar o plano de internet ou com-

prar licenças de programas? De onde vem esse dinheiro? A pesquisadora recebe bolsa ou financiamento? Todas essas questões devem ser apreciadas no momento de explorar as possibilidades de campo. O seu projeto deve ser financeiramente exequível.

Em terceiro lugar, temos a condição mais primordial, mas talvez a mais menosprezada: o tempo. Qualquer pesquisadora iniciante já se viu envolvida com um campo muito extenso e pouco delimitado ou um grande número de dados. Na etnografia digital, essa tendência é ainda mais agravada, já que o volume de dados é, por si, grande e tende a aumentar exponencialmente todos os dias (confira o termo **3Vs** no Glossário). Diante da enorme quantidade de dados circulando em meio digital, nossa vontade primeira é dar conta de todos eles, pois todos parecem igualmente importantes para cumprir com os objetivos de pesquisa propostos. Por isso, é primordial pensar na exploração do campo sempre tendo em vista o tempo disponível. E o tempo que dizemos aqui diz respeito a prazos a cumprir, mas também se refere ao tempo do dia a dia.

Na exploração do campo, no momento de conhecermos diferentes plataformas e decidirmos nosso foco específico de pesquisa, devem ser considerados os dois tipos de restrição de tempo que condicionam nossas decisões como pesquisadoras.

Primeiro, a restrição dos prazos institucionais da pesquisa, como avaliação de projetos em andamento, qualificação e defesa, estes mais ou menos conhecidos desde o início das atividades. Outros prazos, como entrega de versões parciais e completas de capítulo para orientadora, são definidos e ajustados ao longo dos meses ou anos da pesquisa. De qualquer forma, as decisões finais da exploração do campo devem ser avaliadas a partir da seguinte questão: os materiais empíricos selecionados para minha pesquisa podem ser satisfatoriamente analisados dentro dos limites dos meus prazos institucionais?

Uma pesquisa mais curta, como aquela feita para um trabalho de conclusão de curso de graduação, deve evitar dados extensos e que demandam muito tempo de tratamento e análise, como vídeos de longa duração do YouTube. Se o interesse é analisar vídeos, o Instagram, que conta com ferramentas para publicar vídeos mais curtos, pode ser uma alternativa de campo mais apropriada. Evidentemente, os campos digitais agregam dados dos mais variados tipos, de forma que mesmo um campo não ideal para a pesquisa desenhada pode oferecer oportunidades de análise, dependendo dos critérios de seleção de dados definidos.

Segundo, temos que ficar atentas às restrições de tempo nas nossas demandas cotidianas, fazendo a nós mesmas a seguinte pergunta: diante de todas as minhas ativida-



des pessoais, profissionais e domésticas, tenho tempo para fazer uma pesquisa de qualidade sobre que tipo de dado? A tendência pode ser ter um otimismo muito grande sobre o manejo do nosso próprio tempo, achando até mesmo que a pesquisa será sempre a prioridade. A realidade do dia a dia, no entanto, pode não corresponder a essa expectativa. Logo, é importante manter os dois pés no chão em relação à pesquisa, aos dados e ao tempo. Novamente, vamos ao exemplo dos vídeos do YouTube. Tratar vídeos de uma, duas, três ou mais horas de duração, assistindo-os várias vezes e dedicando outras tantas horas para a transcrição ou edições de capturas de tela, pode não se encaixar muito bem em meio às outras tantas tarefas rotineiras, igualmente importantes. Seja realista com seu tempo e defina seu foco específico de acordo com a disponibilidade que você vai ter, de modo a oferecer o tempo necessário para garantir a qualidade da sua pesquisa.

Para se ter uma ideia, após a definição das perguntas e objetivos de sua pesquisa de mestrado, Amanda Diniz Vallada (2021) passou cerca de dois meses percorrendo diferentes redes sociais e plataformas digitais para escolher qual delas seria seu campo etnográfico. A exploração foi feita com a busca por certas palavras-chave correspondentes ao objeto estudado, os discursos sobre as diferenças cerebrais entre mulheres e homens, nas redes mais frequentemente acessadas pela pesquisadora à época, o buscador do Google, o

YouTube e o Facebook. A exploração mostrou que textos de popularização da ciência e vídeos de eventos cristãos sobre as diferenças cerebrais eram os materiais mais adequados para gerar os dados da pesquisa, de maneira que se determinou como campo o buscador do Google e a plataforma de vídeos YouTube. Depois da escolha das plataformas, houve mais algumas semanas de exploração do campo já determinado. Essa continuação da etapa de exploração foi necessária para a pesquisadora conhecer os detalhes do *affordance* e a atuação do algoritmo nos resultados das buscas. Desse modo, foi possível estabelecer os critérios de seleção dos textos e vídeos que circulavam no YouTube e na ferramenta de pesquisa do Google.

Isso nos leva à quarta condição de exequibilidade: o *affordance*. Como vimos no Glossário, *affordance* se refere às possibilidades e relações de alguém com algum objeto online e diz respeito às possibilidades das plataformas digitais e os recursos disponíveis nelas, ou seja, “é o termo que designa de que modo características de um meio ou objeto influenciam, por si só, formas de interação” (SANTOS, 2016, p. 35). O *affordance* é sobre o que podemos e não podemos fazer nas mídias, o que influencia diretamente em qualquer pesquisa em meio online. Ele estará presente em todos os objetos de pesquisa na etnografia digital. Por isso, cabe à pesquisadora, desde o princípio pensar sobre isso.

É necessário ter consciência de que as limitações impostas pelo *affordance* não prejudicam a pesquisa. Para Christine Hine (2000, p. 65), a etnografia digital “é uma etnografia adaptável que se propõe a adequar-se às condições em que se encontra”. Por isso, uma etnógrafa digital deve procurar adequar-se a todas as complexidades do percurso de pesquisa. Como já sabemos, a etnografia digital é mais uma abordagem de pesquisa do que um método, porque não se limita em seguir procedimentos específicos e sim, permanece aberta às demandas, complexidades e possíveis problemáticas que vêm à tona no campo (SILVA, 2018).

Piia Varis (2014) utiliza o Facebook para exemplificar reducionismos do contexto online para abstrações evidentes, uma vez que “o que Facebook significa para as pessoas não significa uma coisa consistente ou estática, mas é uma construção ideológica da mídia moldada por, entre outras coisas, a maneira como usuárias veem este meio em relação a outros meios de comunicação” (VARIS, 2014, p. 6). Varis (2014) acrescenta que o Facebook só faz sentido como um “contexto”, se for visto a partir de suas características essencialmente conectadas à comercialização da Web e à maneira como as plataformas - como o próprio Facebook e YouTube, por exemplo - influenciam na atividade semiótica.

É importante ter flexibilidade em casos que fogem do nosso controle online. É significativo que, caso a pesquisadora, por exemplo, opte por pesquisar um objeto em uma rede social como o Facebook, considere que é possível que uma postagem que está lá hoje, amanhã já não esteja mais. Ela pode ser apagada por diversos motivos e a rede social pode sofrer alguma instabilidade que faz com que sumam dados, como já vimos acontecer com várias redes sociais ou plataformas ao longo da existência da internet.

Como a pesquisadora se prepara para isso? Se a pesquisadora escolher entrar logada em sua conta pessoal ou não, dependendo de sua escolha, os dados que ela terá acesso (ou não) conduzirá a pesquisa. O *affordance* pode nos levar a outros lugares dentro e fora da plataforma escolhida para a pesquisa e é preciso levar isso sempre em consideração.

Mais um bom exemplo de uma pesquisa que está em andamento: Carolina Silva (2020) ao encontrar o resultado de sua busca (uma imagem sendo recontextualizada), se atenta em fazer a captura de tela na tentativa de não perder o material gerado. Posteriormente, a pesquisadora acessa novamente a página que originalmente criou a postagem e a imagem não está mais lá. De fato, ao tentar retornar à página no dia seguinte, percebe que a própria página havia sido

apagada após inúmeras denúncias. Em outro momento, ela nota que uma nova página com o mesmo nome havia sido criada: um ciclo vicioso que nos demonstra que precisamos estar mais atentas às surpresas do *affordance*.

No mais, precisamos levar em conta sempre a efemeridade dos dados online e nos lembrarmos, ao explorar as possibilidades, que é impossível buscar dados “perfeitos” e ilimitados.

### **Seleção, sistematização e armazenamento de materiais empíricos**

Nas seções anteriores, falamos sobre o desenho de pesquisa e a exploração do campo. Depois dessas discussões e tendo em mente as perguntas e objetivos de pesquisa, agora vamos pensar em como construímos o conjunto empírico de dados que respondem às perguntas de pesquisa.

As perguntas de pesquisa são fundamentais para direcionar por quais meios e como a pesquisa será desenvolvida. No processo de seleção de materiais empíricos, devido ao grande volume próprio ao ambiente digital (confira o termo **3Vs** no Glossário), a escolha pode ser bem trabalhosa, por isso, ressaltamos que já nesse momento é importante que se tenha em mente as perguntas de pesquisa para direcionar essa escolha. Toda pesquisa surge devido a algo visto

anteriormente que interessa ou incomoda de alguma forma a pesquisadora. E a partir disso, começa-se a construir os primeiros esboços de pesquisa, como as perguntas.

Como exemplo, pode-se observar a pesquisa realizada por Karoline Silva (2020), já mencionada. Segundo a autora, essa pesquisa se originou após ver resultados contestáveis que o Google apresentava ao pesquisar alguns textos, e todos com um texto em comum, “mulher negra”. Após essa observação mais geral, a pesquisadora começou seu percurso de elaboração de pesquisa tendo como pergunta: “Por que o buscador Google apresenta tais resultados somente com mulheres negras?”.

Com essa pergunta, a pesquisadora teve como direcionamento a procura por textos, para fazer as buscas no buscador Google, que pudessem auxiliar a responder a pergunta inicial. Entretanto, devido ao caráter muito geral da pergunta, a quantidade de dados encontrados possíveis de serem utilizados na pesquisa era demasiadamente grande e incompatível com o tempo disponível para realizar a pesquisa. Dessa forma, as perguntas de pesquisa precisaram ser mais específicas a fim de delimitar os materiais a serem selecionados e analisados.

Devido a isso, a pesquisadora fez alguns esboços de perguntas que pretendia responder, melhorando-as de acordo com as dicas de exequibilidade da seção anterior, e che-

gando ao final às seguintes perguntas: Por que as buscas sobre mulheres negras no buscador Google geram resultados com significações pejorativas? Qual o sentido da ausência de imagens de mulheres negras nas buscas em que foram utilizadas a palavra “bonita/o”? Quais os principais fatores sócio-históricos relacionados aos resultados encontrados? Quais as trajetórias desses termos de busca e seus resultados pejorativos? Após a definição das perguntas pela pesquisadora, a pesquisadora usou as palavras-chave presentes nessas perguntas para selecionar os materiais, criando assim um foco de análise. Um exemplo dessa seleção de dados foram cabelo feio e cabelo bonito.

Agora que já selecionou seus dados, o próximo passo é transformar o grande conjunto de dados que você armazenou em algo mais organizado. Essa organização mais fundamentada dos dados é o que leva a pesquisadora para uma etapa mais próxima das respostas às questões iniciais que motivaram a realização do seu estudo. A sistematização de dados, portanto, envolve a tomada de decisões mais complexas, para transformar o conjunto de materiais em uma outra espécie de conhecimento. Quando dizemos “conhecimento”, estamos querendo nos referir a qualquer tipo de informação mais refinada que dará contorno e seguimento à pesquisa, e que de algum modo ajudará na formação de categorias iniciais sobre o fenômeno em estudo, catego-

rias essas que ajudarão na identificação de outras categorias (como fios argumentativos, chaves conceituais, recorrências discursivas) com as quais a pesquisadora poderá optar por trabalhar deste ponto em diante.

Se a seleção dos dados resultou num conjunto multifacetado de conteúdos - como é de se esperar de uma seleção de dados gerados em ambientes digitais - será necessário agora pensar em algumas estratégias de filtragem, contextualização e aprofundamento.

Como sistematizar então os dados de uma pesquisa? Quando nos perguntamos isso, estamos nos perguntando como fazer o cruzamento do conjunto empírico com os objetivos e perguntas de pesquisas. A sistematização ocorre para que tenhamos condições de responder questões como essas.

Podemos começar essa sistematização fazendo diversas perguntas sobre os dados, perguntas que envolvam a frequência de ocorrências identificáveis e que nos guiem no agrupamento de indícios de fenômenos relevantes. A sistematização de dados pode ser vista como um processo de filtragem iterativo, isto é, em que se encontra progresso no refinamento sucessivo. Então, é preciso ter certeza de que o que foi selecionado é suficiente para seguir em frente na formação de categorias e subcategorias sobre o fenômeno estudado. É importante que padronizemos a forma de ler-mos esses dados pois isso facilitará a visualização do material



que reunimos. Isso não quer dizer fazer uma leitura compartimentalizada, mas sim uma leitura em que seja possível a identificação de recorrências ou de fenômenos menos recorrentes mas pertinente para o conjunto. Nesse sentido, esquemas visuais podem ajudar. É muito comum o uso de mapas mentais<sup>12</sup> como um dos recursos para uma visualização mais ampla do que temos em “mãos”. A partir daí, pode-se avançar para identificar semelhanças e diferenças entre os itens agrupados, que podem resultar em subcategorias.

No que diz respeito a um desenvolvimento conceitual a partir dos dados, não se prenda a conceitos preexistentes e se fundamente no que de fato está emergindo do conjunto de dados construído. Esta dica parece óbvia, mas às vezes nos esquecemos disso. É interessante pensarmos em qual direção está o movimento lógico que estamos fazendo. Para uma teoria fundamentada em dados (*grounded theory*) (Kathy CHARMAZ, 2005; Zoltán DÖRNYEI, 2007; Carla WILLIG, 2013), teorizar antes de ter informações pode levar a

- 
12. Mapa mental é uma técnica utilizada para a organização de conteúdos através de estruturas visuais. É uma forma de fazermos relações e conexões entre conceitos de uma maneira que estimule a nossa visualização em esquemas. Um dos mais comuns é o modelo de árvore de ideias, em que a partir de uma ideia central (“tronco”), puxam-se outras ideias e subtópicos (“galhos e folhas”). Também são comuns no formato de gráficos, balões, diagramas, etc. Existem vários sites e aplicativos que facilitam a criação/desenho desses esquemas, basta pesquisar por “criar mapa mental”.

distorções do que estamos nos propondo estudar, como se estivéssemos tentando fazer com que os dados coubessem em determinada teoria. Para exemplificar, podemos citar o caso da pesquisa de Bianca Vellasco (2020), pois um dos motivos que a guiou na decisão pela busca da persistência da ideologia monolíngue foi a identificação de uma recorrência de comentários sobre essa temática em um vídeo que não falava em nenhum momento diretamente sobre essa ideologia. O movimento realizado para se chegar a essa ideologia como categoria conceitual surgiu após a identificação de um comportamento recorrente numa caixa de comentários específica, disponível em um vídeo postado no YouTube. Portanto, não se partiu de uma teoria específica para buscar comentários que se enquadrassem nela, mas sim da leitura dos comentários se buscou a categoria que melhor explicaria o tipo de fenômeno que ali emergia.

Na etnografia digital, como já foi reforçado em outros momentos, é crucial que qualquer material relevante para a pesquisa seja guardado imediatamente, pois o ambiente digital está em mudança constante e é instável, às vezes com o desaparecimento das informações, outras pela dificuldade de se encontrar um material de interesse devido ao grande fluxo de informações numa pequena quantidade de tempo e também devido às modificações frequentes no meio digital. Esse armazenamento é uma forma de precaver a pesquisadora das incertezas futuras, pois mesmo que to-

dos os dados selecionados não sejam utilizados, é uma garantia caso precise deles. Por exemplo, fazer a captura de tela do que achar relevante para a pesquisa é de extrema importância, porque caso aquele evento “suma”, a etnógrafa teria guardado um registro. No caso de vídeos do YouTube, por exemplo, é possível baixá-los através de programas ou sites online. Lembre-se também de anotar todos os procedimentos que você adotar no registro dos eventos ao longo da etnografia; os critérios e ações de registro são parte essencial para o andamento de sua pesquisa e explicitá-los é parte do compromisso ético que temos com a comunidade de pesquisa da qual fazemos parte.

Além disso, é também responsabilidade ética da pesquisadora armazenar adequadamente o material gerado durante a pesquisa, bem como proceder para assegurar o sigilo e a confidencialidade conforme acordos feitos previamente com participantes, se for este o caso. O Conselho Nacional de Ética em Pesquisa (BRASIL, 2021) não recomenda o armazenamento “em nuvem”, evitando assim o vazamento de material em ambientes sensíveis à invasão ou compartilhamento inadvertido.

Nesse processo de armazenamento, é preciso pensar nos dados com que se pretende trabalhar para que seja feito o melhor armazenamento dos dados escolhidos. O armazenamento exige um gerenciamento do material empírico levando em consideração:

- **A extensão dos arquivos gerados.** Um dos meios mais comuns de geração de material empírico em etnografia digital é feito pela captura de tela. O que é a captura de tela? É a impressão digital de uma tela escolhida num dispositivo, podendo ser de navegador, aplicativo ou qualquer dispositivo digital que o *affordance* permita. Esse tipo de geração de material cria arquivos de extensão de imagem (.jpeg, .gif, .jpg etc.), o que ocupa muito mais espaço do que arquivos de extensão de texto (.txt, .doc, .dot etc.).
- **Os metadados.** Cada arquivo gerado no campo digital precisa ser acessível e tratável em outro momento, o que exige o mínimo de metadados disponíveis para a sistematização posterior dos dados. Assim, todos os arquivos gerados precisam conter informações mínimas como data de geração, local de origem, autoria etc., a depender dos objetivos de pesquisa e do tipo de análise proposta. Pastas de organização do material gerado também podem servir de guia para metadados. Na pesquisa de Joana Plaza Pinto (2014) sobre discurso público sobre imigração transnacional no Brasil, os arquivos gerados foram salvos em pastas nomeadas conforme o tipo de texto no documento salvo em arquivo (legislação, notícias, atas); essa inclusão em pastas complementou os metadados dos arquivos salvos e facilitou a análise.

- **Redundância ou backup.** Todo o material gerado precisa ter redundância, ou seja, estar disponível em mais de um espaço de armazenamento, como CPU, HD externos, ou outros. Essa redundância mantém a capacidade de consulta e manejo do material empírico mesmo em caso de falhas, como queda de HD, falha na CPU ou erro no servidor.

As opções de armazenamento de dados estão limitadas quanto ao suporte material da etnógrafa e o caráter do arquivo selecionado. Como arquivos de extensão de imagens e vídeos ocupam muito espaço, pode não ser viável que a pesquisadora tenha todos eles salvos em seu computador ou outros dispositivos. Amanda Diniz Vallada (2021), por exemplo, tinha como arquivo vários vídeos de aproximadamente 1GB de tamanho, o que inviabilizava o armazenamento desse material. A solução para evitar possíveis problemas de acesso foi construir textos com as principais informações e aspectos dos vídeos e, principalmente, fazer o mais rapidamente possível as transcrições das partes dos vídeos discutidas na análise.

O registro dos dados nos arquivos da pesquisadora deve ser adequado a seu tipo, se imagem, vídeo, texto, áudio etc. Para todos, as anotações do percurso da etnógrafa

no campo em um caderno (digital ou não), uma espécie de contextualização que certamente ajuda como pré-análise, são vantajosas. Mas outros registros, como captura de tela, download de arquivo, transcrição de vídeo ou áudio, dependem do material e do propósito da pesquisa.

Ter os dados devidamente armazenados, organizados e registrados é certamente fundamental para evitar os problemas da instabilidade das redes e plataformas online, como vivenciamos na queda de diversas redes no dia 04 de outubro de 2021, e, ainda, possíveis falhas nos dispositivos de backup. No entanto, poder acessar o material empírico construído fora dos ambientes online em que eles foram gerados é também uma vantagem de sistematizar os dados, de maneira que a etnógrafa digital não precise depender da internet para estar online no campo e prosseguir com a pesquisa.

É importante também levar em conta que pode ser necessário editar os materiais selecionados no intuito de garantir o anonimato das participantes da pesquisa ou usuárias das redes e plataformas. Para uma pesquisa cujos dados envolvem comentários em Facebook, por exemplo, recomendamos que o nome de usuária e a foto de perfil sejam borrados nas imagens, como fazem Liana Biar e Fabiola Paschoal (2020) em artigo sobre comentários no Facebook a respeito do assassinato da vereadora Marielle Franco em 2018. Ainda

que a interação no comentário seja pública, as pessoas que comentam não antecipam que suas atividades na rede possam fazer parte de uma pesquisa científica. É responsabilidade da pesquisadora garantir, tanto quanto possível, que a usuária não poderá ser identificada.

## **Análise de materiais empíricos**

Dentre todas as etapas de uma pesquisa, desde o desenho, passando pela revisão bibliográfica, a seleção e a sistematização do material, a fase mais esperada, e talvez mais temida, é a análise do material empírico gerado. Todas as leituras e escritas culminam em construir uma análise enredada no que você aprendeu sobre o seu tema de pesquisa, inovando em relação à especificidade do objeto. A base teórica já está lida e apreendida, a metodologia já está especificada e explicada, os dados foram selecionados e sistematizados. Agora, falta “apenas” analisar.

Ao lidar com os dados, a pesquisadora pode ficar insegura com a sua fidedignidade, com a qualidade dos dados selecionados como representativos ou ilustrativos do campo. Isso pode levar a uma sensação de que os dados são insuficientes ou não plenamente adequados, de forma que pareça necessário prolongar o trabalho de campo, aprimorando-o sempre para a busca de “dados ideais”. A ideia é

que, aperfeiçoando o campo e a nossa maneira de lidar com ele, serão selecionados novos dados, melhores e mais pertinentes. Contudo, “uma etnógrafa em tais circunstâncias deve se acostumar a essa permanente sensação de incerteza, de imaginar o que deixamos passar e de que estamos tentando construir interpretações de eventos baseados em evidências incompletas” (HINE, 2015, p. 4).

Se essa sensação de incerteza é habitual em várias abordagens metodológicas, na etnografia digital ela é expandida em virtude das próprias características do meio digital, especialmente o volume, a variedade e a velocidade dos dados, além da falta da presença física da etnógrafa do campo digital - para o que Hine (2000) atenta quanto à ilusão de objetividade e realismo que acompanha as metodologias não digitais. Diante dessa dificuldade, o que fazer com os nossos dados? O que é possível aprender sobre o nosso objeto a partir de nossos dados aparentemente falhos?

A resposta para essas dúvidas está em retornar constantemente para as perguntas de pesquisa, em lembrar o que estamos estudando. As perguntas de pesquisa que propusemos responder devem sempre ser retomadas quando estamos na etapa de análise. Do contrário, a sensação de que estamos deixando algo passar despercebido pode se manifestar



de fato na pesquisa, quando passamos a querer que os dados simplesmente mostrem o que antes não exigíamos deles e nos ajudem a responder perguntas que não havíamos feito.

Amanda Vallada (2021) teve como parte de seu material empírico vídeos de eventos cristãos. Embora grande parte dos vídeos selecionados fossem longos (geralmente com mais de duas horas de duração), apenas os trechos que diziam respeito ao objeto estudado - os discursos sobre as diferenças cerebrais entre mulheres e homens - seriam analisados. Contudo, a etnógrafa tinha a tendência de olhar para os momentos dos vídeos que não eram efetivamente parte do conjunto de dados e as inferências a outros textos ou temas feitas durante os vídeos como se eles fossem um dado, o que fragmenta o objeto, descentraliza da pesquisa os objetivos propostos e, conseqüentemente, prejudica o gerenciamento do tempo.

Como abordado no primeiro capítulo, os estudos etnográficos se esforçam pela descrição densa. É nesses termos que a etnógrafa digital deve pensar sobre as várias informações que se ajuntam a seus dados, como elementos formadores que devem ser “descritos”, isto é, investigados enquanto peças que ajudam a responder o que se deseja saber sobre o objeto. Por essa razão, Vallada (2021) buscou afastar a inclinação de encarar o dado como um aglomerado

de elementos desconexos, e passou a tratar o dado como um corpo de elementos com potencial, ou não, de contribuir para responder às perguntas de pesquisa.

Nas seção anterior foram discutidos alguns percursos para auxiliar na seleção dos dados que serão trabalhados durante a pesquisa, além da importância de se ter as perguntas de pesquisa como norteadoras para seleção do seu objeto de análise. Considerando que o objeto já está posto e os dados definidos, nos deparamos com a questão do aproveitamento desses dados. De antemão, reforçamos redundantemente que todo dado deve ser considerado. Muitas vezes a pesquisadora tem expectativas de que determinados tipos de dados ocorram, já pensando nos próximos passos da pesquisa. Porém, a pesquisadora, ao ter suas expectativas frustradas, por vezes, tem o impulso de procurar novos dados que supram essas expectativas, colocando assim os dados a serviço da teoria.

Cabe aqui ressaltar a importância de manter no trabalho etnográfico o compromisso com a empiria, no qual os modelos analíticos e as teorias é que devem atender aos problemas de pesquisa e não o contrário. Como aponta Joana Plaza Pinto (2015, p. 216), “é preciso adotar como percurso de análise um caminho que vai do problema à escolha dos modelos de análise para o problema, e nunca o contrário”.

Essa concepção ajuda bastante a controlar as expectativas, de modo a reconhecer o percurso de geração de dados como importante para o resultado final da pesquisa e evitar pressuposições sobre a natureza dos dados que serão gerados nesse percurso.

Percorrendo o caminho de pesquisa da forma recomendada por Pinto (2015), a pesquisadora não tem expectativas frustradas quanto a dados que são imperfeitos e imprecisos, porque, na verdade, eles não o são. Se as bases teóricas e analíticas escolhidas não conseguem contemplar o material empírico construído para investigar o problema de pesquisa, elas devem ser repensadas e rearranjadas, mas os dados “inadequados” não devem ser descartados.

Vale lembrar a proposta de Blommaert e Szabla (2018) e Blommaert, Smits e Yacoubi (2018) sobre a noção de contexto. Diante da realidade da comunicação na Web 2.0, essas autoras e autor levantam a necessidade de repensar o que é o contexto, e não abandonar de pronto a própria noção de contexto e nem ignorar os dados que “não batem” com construções teórico-analíticas prévias.

Quando Maria Rosaria Souza (2021) começou sua pesquisa usando Twitter e Facebook como campo de pesquisa, se deparou com dois problemas: a influência direta do algoritmo sobre os resultados encontrados de acordo

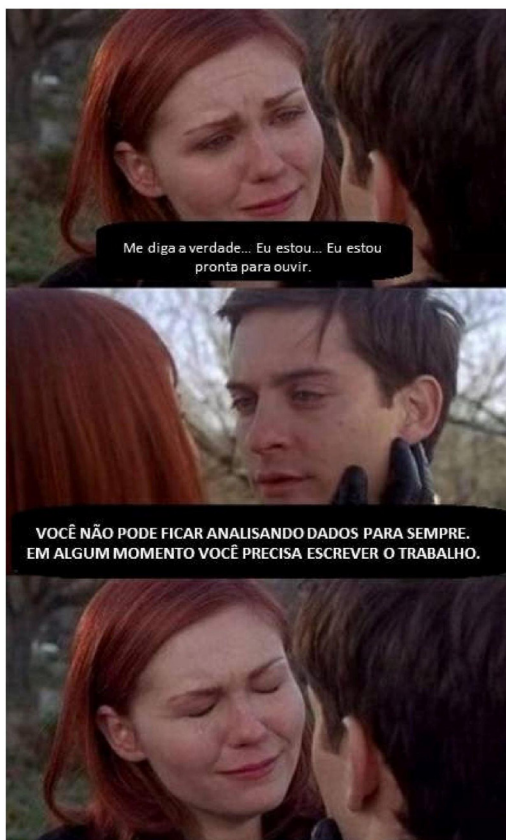
com seus seguidores como usuária das redes sociais e o desaparecimento de postagens. Inicialmente, sua ideia era buscar o uso do termo “racismo reverso” no Twitter no período em que ele foi bastante discutido nas redes sociais, e a pesquisadora presenciou como usuária postagens com este termo. Ao tentar encontrá-las a partir do mecanismo de busca avançada disponibilizado pelo site, as postagens não foram mais localizadas, os *tweets* do período haviam desaparecido, restando apenas um buraco em seu lugar<sup>13</sup>.

Teriam sido apagados? Denunciados? Contas suspensas? Apesar de ter lidado com a frustração de não ter encontrado o que esperou, assim como mencionado anteriormente: todo dado é um dado. Afinal, a falta de resultados ainda é um resultado e todos os dados gerados são importantes. Isso a fez levantar uma importante questão sobre pesquisas digitais: “apesar do amplo espaço cibernético armazenar centenas de milhares de dados em seu infinito espaço, não fornecer aqueles solicitados parece ser uma grande falha do *Big Data* ou levanta a possível questão de: temos realmente acesso a tudo o que nos dizem ter?” (SOUZA, 2021, p. 31).

---

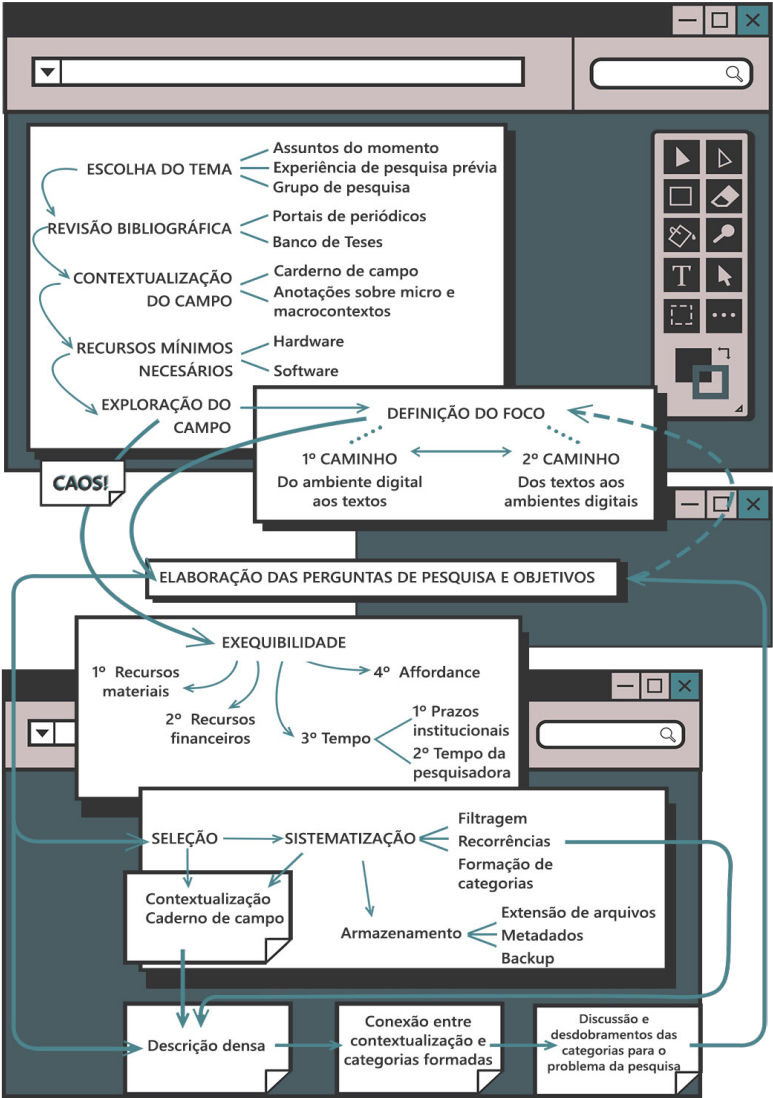
13. Para saber mais sobre como agem os algoritmos e a relação dessas ações com racismo e desigualdade de gênero, confira o documentário de Cruz (2021).

Figura 6 - Análise de materiais empíricos

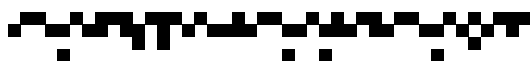


Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga.

# Esquema sobre as etapas de uma pesquisa em etnografia digital



## Capítulo 4 - Desafios Atuais



No capítulo anterior, apresentamos alguns caminhos possíveis para as pesquisas linguísticas de cunho etnográfico digital. Ao longo desses caminhos, vimos que diversas coisas podem e vão dar errado, razão pela qual é importante que tenhamos ferramentas teóricas e metodológicas, bem como um horizonte ético que nos auxiliem a navegar pelas complexidades do ambiente digital. Neste capítulo, procuramos articular o arsenal teórico e metodológico apresentado para discutir alguns desafios comuns da etnografia digital, que dizem respeito tanto aos recursos e plataformas disponíveis para que realizemos nossas pesquisas quanto

aos efeitos do atual momento sócio-histórico que vivemos nas primeiras décadas do século XX. Entre os principais desafios que identificamos enquanto pesquisadoras da linguagem em meio digital, estão as complexidades associadas às redes sociais, a combinação da etnografia digital com outros métodos não digitais, e a migração das pesquisas etnográficas face a face para o ambiente digital.

## As redes sociais como campo de pesquisa digital: possíveis obstáculos

Figura 7 - André Dahmer, Folha de S. Paulo, 25 nov. 2020



Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga.

O *Big Data* vai além do conjunto de dados armazenados no campo digital, pois todo o volume de dados criados pelas usuárias dentro da internet gera ainda mais dados, que geram mais dados... assim conseguindo saber mais sobre as pessoas que acessam determinados sítios. Esse grande vo-



lume de informações pessoais é armazenado e controlado por uma grande parcela de empresas mesmo sem o devido conhecimento e autorização. Nas redes sociais, tudo o que é feito por usuárias fica registrado no banco de dados, podendo ser acessado a qualquer momento.

Uma pesquisadora que se dispõe a encarar esse mundo como campo de pesquisa, precisa, primeiramente, delimitar ao máximo o objeto e o que pretende construir como dados, bem como saber qual rede ou plataforma social seria mais indicada para encontrar o que procura. Isso porque, por se tratar de um local de constante interação, um mesmo termo, frase ou tema, pode ter diferentes resultados em cada um dos acessos dada a constante atualização ou dependendo das normas da rede escolhida (*affordance*), se estas possuírem sistema de exibição cronológica. Ou seja, se a pesquisadora optar por temas amplos, como “etnografia”, por exemplo, poderá encontrar uma enxurrada de informações de diversas áreas que serão atualizadas todas as vezes em que entrar para continuar sua busca e/ou gerar materiais para análise se todos os dias um número de usuárias usar em sua postagens o termo. Optando por buscar “etnografia digital”, entretanto, o número de dados se reduz consideravelmente por se concentrar em um nicho mais específico.

Outro ponto em que o *Big Data* pode se mostrar como uma dificuldade é a impossibilidade de encontrar todos os materiais que se adequam a critérios de busca definidos, em razão de um sistema que não foi projetado para pesquisas etnográficas digitais, ou seja, um sistema de arquivamento ou busca não compatíveis com as expectativas da pesquisadora (boyd; CRAWFORD, 2012; VALLADA, 2020). Dessa maneira, pesquisas no ambiente digital precisam levar em conta alguns fatores:

- Muitos perfis administrados pelas mesmas pessoas (*fakes*);
- Perfis administrados por robôs (*bots*);
- Perfis administrados por várias pessoas (comércio, jornalismo, *fandoms* etc.);
- Postagens editáveis ou apagadas (*posts* do Facebook, *frames* e descrições de vídeos do YouTube etc.);

Esses são apenas alguns pontos que devem ser considerados no momento de uma pesquisa no campo virtual, sejam qualitativas ou quantitativas, pois afetam o volume de acesso, a visibilidade e, conseqüentemente, a relevância da indicação no momento da busca. Ou seja, tanto as usuárias quanto a própria plataforma podem alterar o número de resultados e a precisão destes ao banir perfis, apagar postagens e vídeos.

A Pesquisa Global Digital feita pela parceria do site *We Are Social* com o gerenciador de redes sociais *Hootsuite*<sup>14</sup> apontou em seus gráficos, que entre o último trimestre de 2019 ao segundo trimestre de 2021, o número de usuárias globais ao longo tempo aumentou 20.3%, exibindo o alto índice de adoção das plataformas digitais para socialização ou trabalho durante os tempos pandêmicos. Algumas redes sociais, como, por exemplo, o Facebook, não gostam de divulgar o seu número de armazenamento de dados, sendo os números acessíveis a pequenos grupos com autorização, mas pode-se ter uma ideia da quantidade de dados gerados por dia quando, na mesma pesquisa, aponta-se que o Facebook é uma das redes mais utilizadas no Brasil, pessoas passam horas curtindo, postando, comentando, ou seja, gerando dados a partir de seus smartphones ou desktops. São milhares de dados gerados diariamente, moldados no ambiente em que se situa o campo de pesquisa automaticamente pelo algoritmo formado de acordo com os seus próprios dados como pesquisadora compilados pelo sistema. No caso de trabalhos de campo no ambiente online, conforme Hine (2015), as notas de campo são essenciais na busca para evitar que as análises de dados tardias possam fugir do contexto original já que a pesquisadora pode encarar outro obstáculo diante do enorme volume de dados: “a tentação é sempre baixar e arquivar documentos para ver mais tarde” (HINE, 2015, p. 74).

---

14. Dados disponíveis em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-july-global-statshot>.

Apesar dessas informações tentadoras do gigantesco número de dados gerados, quem se prontifica a encarar as pesquisas digitais vai dar de encontro com uma barreira, de certa forma, decepcionante: nem todos os dados estarão disponíveis para geração e análise. De todo o volume disponível, nem metade deles são acessíveis a simples pesquisadoras acadêmicas que não sejam munidas de recursos financeiros para “comprar” os dados extras de seus responsáveis. Além disso, esse grande volume não representa a população de um local apesar de muitos se referirem às usuárias de redes sociais como “pessoas” (boyd; CRAWFORD, 2012), o grande volume de contas não-pessoais, como citadas acima, não conta como parte de um processo de análise comportamental, por exemplo.

No fim do capítulo anterior, o exemplo da pesquisa de Maria Rosaria Souza (2021) retorna com os desafios de não julgar o comportamento de uma sociedade pelo número de perfis que não se sabe ser ou não de pessoas reais e pelo desaparecimento dos dados, não poderia dizer que a sociedade se esqueceu ou percebeu a não-existência de um “racismo reverso”. A pesquisadora estava ciente da quantidade de dados gerados pela rede social quando deu início às buscas, mas se deparou com essa “falha”. Um grande espaço em branco que fora observado através de uma captura de sua tela. Para onde foram esses dados exibidos estatisticamente?

Neste capítulo, falamos sobre alguns obstáculos que podem se manifestar quando fazemos campo em redes sociais, plataformas deveras comuns nos trabalhos de etnografia digital. Antes de passar a explorar o próximo obstáculo, porém, é relevante destacar que as redes sociais continuam sendo uma possibilidade conveniente e eficiente enquanto campo de pesquisa, a despeito de possíveis, e prováveis, problemas.

Estando já conhecidos os problemas mencionados e explicados nos outros capítulos, presentes nas etapas da pesquisa, um problema altamente específico a cada trabalho de etnografia digital é a instabilidade da rede social escolhida como campo. Essa instabilidade é originada por fatores particularmente associados a cada pesquisa e a maior dificuldade é que muitas vezes não é possível prevêê-los. Como prever se o perfil do Instagram que você pesquisa será hackeado? Como prever se a proprietária do grupo do Facebook que você estuda vai excluir a página? Como prever se os vídeos do YouTube que você analisa serão excluídos da plataforma? Sendo impossível antever esses e outros obstáculos, como atenuar os danos que a instabilidade do campo pode causar a nossa pesquisa?

Primeiro, você deve lembrar que todo dado é um dado, conforme discutido em tópico anterior. Isso significa que a própria instabilidade das redes sociais e os efeitos dela nas pesquisas podem ser explorados nos nossos textos, no sentido de considerar a instabilidade não como um defeito propriamente, mas como parte dos dados que geramos. Dis-

cutir honestamente sobre a realidade instável das plataformas é bastante oportuno no contexto de internet integrada, incorporada e cotidiana em que vivemos. Falar abertamente sobre os empecilhos que encontramos em nossos campos digitais é, sobretudo, importante para ajudar futuras pesquisadoras do meio digital a entrarem na etnografia digital com mais ciência sobre o que se pode esperar.

Segundo, é fundamental fazer todo registro possível de nossos dados. Quer seja uma captura de tela, o download de um vídeo curto ou página da web, ou a transcrição de um vídeo ou áudio muito longo. Assim que selecionamos um dado, ele deve, de alguma maneira, estar registrado em nosso arquivos. Contudo, como há pouco lembramos com Hine (2015), não devemos apenas compilar os dados, como também ter guardadas nossas observações sobre eles, as notas de campo que fizemos e que mostram as impressões gerais que tivemos sobre o contexto de circulação daquele dado. Tendo o dado registrado, ainda que de forma não perfeita, e as notas de campo, podemos prosseguir com a análise dos dados já gerados mesmo que o campo seja instável e os materiais que buscamos possam até mesmo desaparecer.

A pesquisa de Vallada (2021) passou pelo angustiante momento de desaparecimento dos dados, vídeos de eventos cristãos postados no YouTube. Em setembro de 2020, vários dos vídeos que configuravam seu material empírico haviam sido retirados da plataforma devido a uma polêmica

recente (à época) envolvendo uma das personagens principais de vários desses eventos, a pastora Ana Paula Valadão. A sequência de acontecimentos que levaram à retirada desses vídeos são exemplares para compreender os efeitos da atuação do nexo online-offline nas etnografias digitais. Alguns dias antes de os vídeos do canal oficial do grupo gospel de Valadão serem suprimidos do YouTube, viralizou por diversas redes sociais um trecho de vídeo de 2016 em que a pastora profere uma declaração de teor discriminatório a pessoas que vivem com HIV; a viralização do vídeo provocou várias reações de usuárias das redes nas páginas oficiais de Valadão, além de uma investigação por homofobia pelo Ministério Público Federal, o que culminou na retirada de alguns dos vídeos de seus congressos, inclusive muitos dos que faziam parte do corpus de Vallada (2021).

Ver o campo desaparecer é certamente inquietante. Contudo, a etnógrafa já havia transcrito todos os trechos que seriam analisados e tinha em arquivos as observações sobre cada um desses trechos, afora já ter analisado propriamente grande parte deles. Em síntese, a pesquisa não foi prejudicada pelo fato de os vídeos terem sido retirados no YouTube, uma vez que os cuidados apropriados à natureza do campo digital haviam sido tomados. Ainda, esse acontecimento em princípio desvantajoso serve como explicitação exploratória da instabilidade das redes sociais na própria pesquisa de Vallada (2021), além de ser advertência para futuras pesquisas de etnografia digital.

O campo das redes sociais é uma boa opção para quem se propõe a trabalhar com questões sociais em diversas áreas, tendo facilidade, assim como em uma pesquisa de campo, de propor pesquisas quantitativas e qualitativas, principalmente ao se tratar de assuntos considerados delicados que poderiam ser facilmente evitados ou contornados se colocados diante de um público físico. É mais fácil atingir o objetivo e o material desejado quando as pessoas envolvidas se sentem seguras através de um anonimato garantido pelo espaço virtual, por meio de questionários ou mesmo análises de conteúdo (postagens de perfis pessoais, grupos, páginas, sites etc.). Este parece ser um dos fatores que motivam diversas pesquisadoras a adentrar no vasto campo da internet, a mescla dos mundos sociais não digitais e sociais digitais se torna cada dia mais visível (Robert KOZINETTS, 2014), o uso das redes sociais como objeto ou ambiente para pesquisas acaba se tornando uma verdadeira tentação aos questionamentos para serem descritos.

Ao tratar as redes sociais como objeto ou ambiente de pesquisa, deve-se saber os obstáculos que se encontram para além da primeira visão diante da problemática levantada pelo tema da pesquisa. Há diversos questionamentos acerca da inserção de uma pesquisadora acabar se misturando à usuária do meio digital quanto ao comprometimento dos resultados da pesquisa. Ora, a pesquisadora é ou não parte de sua própria investigação? É possível uma pesquisa neutra no ambiente social digital? Vejamos.



A presença da pesquisadora influencia no direcionamento de dados, possibilitando que ela questione o quanto os resultados podem ser confiáveis (Adriana AMARAL, 2010), a partir do momento em que seu mecanismo de busca direciona e limita os dados de forma autônoma, esteja ela logada ou deslogada de sua conta pessoal nas plataformas online. De fato, quando a pesquisadora se insere no campo, é inevitável que, mesmo que não esteja logada e/ou que não esteja inserida na cultura em questão, o objeto seja modificado. Assim sendo, a etnografia digital é necessariamente parcial.

Como visto no Capítulo 1, uma etnografia crítica admite que é impossível garantir uma presença (física) objetiva da etnógrafa. Para Haraway (1995), a única maneira de se chegar a alguma racionalidade é a partir do conhecimento parcial, já que para ver algo de forma ampla é necessário estar em algum lugar.

Hine (2009), por exemplo, pensa sobre como suas experiências moldaram suas próprias interpretações em sua pesquisa. Kendall, ao falar sobre o “elemento autobiográfico” que Hine identifica (2009, p. 23) fala justamente que “nossas próprias tendências como pesquisadoras, talvez conectadas a nossos interesses ou relações anteriores, influenciam as escolhas que fazemos ao iniciar e interromper projetos e na escolha de onde ir no prosseguimento desses projetos”. Ela reflete também sobre sua própria experiência de pesquisa e como sua vivência a induz a agir de deter-

minada maneira enquanto pesquisadora. Conforme aponta Thaís Batista (2020, p. 297), “as formas como os dados serão gerados e analisados são escolhas, por isso não são neutras, pois a geração e o olhar que se dá aos dados sempre partem de algum lugar”.

Ou seja, as pesquisadoras também são participantes da pesquisa e adentram nela com seus próprios olhares sobre o mundo, efeitos de seus conhecimentos erguidos tanto no âmbito pessoal quanto em leituras e estudos realizados. Logo, a presença da pesquisadora também pode afetar os dados, já que quem é a etnógrafa é o que levará, por exemplo, às escolhas de determinados dados. Dessa forma, esses dados não podem simplesmente falar por si próprios, livres de qualquer enquadramento humano (KITCHIN, 2014).

Kendall (2009) ainda salienta que devemos considerar que tipo de relação queremos ter com as participantes da pesquisa, deixando explícito que não é algo que está totalmente sob nosso controle. Nossas vontades e antipatias podem nos animar ou impossibilitar certos tipos de relações.

Um tipo de pesquisadora é a *lurker* e diz respeito a uma forma de observação “oculta”, em que a etnógrafa está presente na rede escolhida para a pesquisa, mas não faz publicações ou comentários (HINE, 2000). Nesse caso, a pesquisadora não se manifesta na mídia digital escolhida e dedica-se ao olhar atento sobre o comportamento dos outros.

Para exemplificar o mencionado, Carolina Silva (2020), realizando sua pesquisa no Facebook, como *lurker*, busca por páginas antifeministas e conservadoras, a princípio, e dentro dessas páginas procura a mobilidade entre contextos da imagem da Rosie, a Rebitadora.

A pesquisadora inicia as pesquisas no Facebook logada em seu próprio perfil. Como mulher feminista, ela já acompanhava páginas de cunho feminista (ou seja, tinha um perfil voltado totalmente ao oposto de sua pesquisa), inclusive foi por esse meio que ela ficou sabendo desse objeto de pesquisa. Após um tempo fazendo a pesquisa, se sentindo incomodada e de certa maneira, atrapalhada pelas sugestões que o algoritmo fazia a ela, acaba por criar um novo perfil para a realização da pesquisa. Nesse novo perfil, a pesquisadora utiliza de todas as ferramentas disponíveis na plataforma (“curtir” as páginas para acompanhá-las e “seguir” as sugestões que, a partir daí, lhe oferece o algoritmo) e o perfil fica repleto de conteúdo conservador e antifeminista que ela busca. Com isso, podemos visualizar explicitamente algumas das maneiras nas quais a presença da pesquisadora pode afetar a pesquisa. Desde a escolha do tema até a análise de dados, a pesquisadora faz parte da etnografia.

No caso do termo *insider*, seria o contrário de *lurker*, quando na verdade, qualquer pesquisa realizada na internet, é, de certa maneira, *insider*, já que utilizamos as mes-

mas ferramentas que as demais usuárias, estamos também “dentro” da pesquisa (HINE, 2016). Inclusive, esse é um dos preceitos da etnografia: a pesquisadora imerge em campo, mesmo como *lurker*.

Mais especificamente, a pesquisadora *insider* geralmente tem uma ligação direta ou está inserida no objeto de estudo escolhido, de modo que sua conduta incertamente poderia ser a de alguém que apenas observa determinado grupo - *lurker*. Como exemplo aqui, podemos citar pesquisas autoetnográficas também, em que a etnógrafa observa sua própria conduta nas redes.

Outra questão é que é impossível para a pesquisadora estar online 24 horas, então é importante que se saiba também que isso não prejudica a pesquisa, é apenas uma característica das complexidades em meio digital. O que ajudará, nesse caso, são os marcadores das horas nas plataformas online (VARIS, 2014; VARIS; HOU, 2020).

Como visto e de acordo com Hine (2009, p. 7), “as etnógrafas começam com um conjunto de problemas prenunciados que dão a elas uma noção do que será interessante estudar, mas esses pensamentos preliminares devem ser constantemente reavaliados em face das experiências de campo”. Então, quando se trata de mídia digital, é bom a etnógrafa pensar antes se entrará logada ou não em determinada rede, o quanto isso influenciará a pesquisa e se necessitar mudar algo durante o processo, também está tudo bem.

## Combinação de etnografia digital com outros métodos não digitais

Figura 8 - Laerte Coutinho. Manual do Minotauro, 2020



Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga.

Como já tem sido exposto amplamente neste manual, a complexidade das relações interpessoais tem deixado cada vez mais fluidas as fronteiras entre vida online e offline. Segundo Blommaert (2010), a contemporaneidade vem experimentando a chamada globalização geocultural, que impacta a mobilidade de pessoas e informações ao redor do mundo em escalas até então inéditas, numa intensificação da diversidade dos processos migratórios e da produção de tecnologias globais de comunicação, viabilizadas principalmente pela internet. Apesar de o fim da Guerra Fria e a criação da Web 2.0 serem marcos importantes colocados pelo autor, que classificou a década de 90 do século passado como um momento decisivo que iniciou a intensificação

da velocidade da comunicação e tornou as interações ainda mais complexas, o que podemos notar é que a velocidade dessas mudanças tem sido enorme nestas primeiras décadas dos anos 2000.

Assim, graças ao aumento do acesso de diversos setores da sociedade aos serviços de internet ilimitada e telefonia móvel, com suas possibilidades de comunicação digital imediata, muitas pessoas que até então não lidavam com as formas escritas em suas rotinas agora leem e escrevem na internet, consumindo variadas fontes de notícias, compartilhando textos multimodais, trocando informações e expressando suas opiniões. Contudo, é importante fazer uma ressalva no que se refere a essa popularização, pois essas infraestruturas de globalização se tornaram mais disponíveis e produzem seus efeitos por todo o globo, porém a sua distribuição ocorre de maneira desigual, como apontam Wang *et al.* (2014) e Batista e Pinto (2020). Portanto, essa intensificação da vida online ocorre de maneira desigual e hierarquizada, uma vez que os acessos às infraestruturas de globalização não são disponíveis na mesma medida para todas as pessoas em todos os locais.

Quando consideramos, ainda, as configurações em rede das subjetividades no meio digital, percebemos que novos modos de pensar, desejar, amar (e odiar) são construídos e dialogam com formas diversificadas de construção

e negociação de identidades. Tais dinâmicas se combinam com as múltiplas interações ocorridas em meio offline, impactando e sendo impactadas por elas, e gerando efeitos econômicos, políticos e culturais nas vidas das pessoas.

Vemos, assim, que os fluxos globais provocam constantes deslocamentos nas formas de viver em sociedade, incluindo mudanças nas formas que imaginamos a própria vida social. Luiz Paulo da Moita Lopes e Branca Falabella Fabrício (2018) chamam a atenção para como a globalização nos situa cada vez mais translocalmente, criando oportunidades para a (re)criação de novos sentidos e significados para os ambientes interacionais e para a própria interação, numa recontextualização constante entre fenômenos de diversas ordens.

Diante desse cenário, se por um lado a situação delineada recentemente pela crise sanitária mundial provocada pela pandemia de Covid-19 diminuiu, em alguma medida, a mobilidade física das pessoas e os fluxos migratórios - no caso daqueles mais planejados, já que migrações por questões humanitárias continuam a ocorrer em qualquer momento -, por outro lado acelerou ainda mais as trocas online, trazendo para esse contexto quase todas as interações que antes ocorriam de modo offline. Com a pandemia de Covid-19, as interações online se tornaram uma nova realidade e os processos de trocas online foram intensificados

de forma muito mais rápida do que nas últimas décadas, e isso também expôs ainda mais as desigualdades existentes na distribuição dessas infraestruturas.

Essa complexidade que faz parte da composição dos cenários se amplifica quando se trata de pensarmos nas diferenças entre o digital e o não digital e em como elas podem ser combinadas. Estamos falando realmente de duas dimensões separadas? Ou trata-se de uma linha cada vez mais tênue? Alguns estudos (Nicholas NEGROPONTE, 1995; Washington RIBEIRO, 2014; Martha GABRIEL, 2013) nos ajudam a exercitar um olhar mais híbrido, em que a separação entre o online e o offline é cada vez mais difícil de ser delimitada. A ideia de que a realidade é somente aquilo que podemos tocar fisicamente e de que a virtualidade é algo que estaria apenas disponível dentro de algum dispositivo eletrônico está ficando cada vez mais complexa, visto que grande parte da nossa realidade está sendo transferida e ficando contida dentro de um ambiente virtual.

O recente apagão da plataforma Lattes, ocorrido em meados de 2021,<sup>15</sup> é um caso interessante para pensarmos na tenuidade dessa situação. Quantas de nós seríamos capazes de comprovarmos nossa trajetória acadêmica se de fato to-

---

15. Para mais informações, cf.: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2021/07/27/o-que-se-sabe-do-apagao-do-cnpq-que-deixou-cientistas-sem-acesso-ao-curriculo-lattes.ghtml>.



dos esses dados tivessem sido apagados? O quanto da nossa vida, experiência e vivência fica estritamente relegada às mídias das quais dispomos para se fazerem verdadeiras? Sequer poderíamos comprovar o que fizemos durante todos os anos de nossa vida acadêmica se não tivéssemos transferido isso para um outro modelo de registro? Como dizer que o que está virtualizado não faz parte da nossa realidade então?

O trabalho de Ribeiro (2014) aborda uma noção que traz justamente a questão limítrofe do online e do offline, chamada de cibridismo. Tendo como base o trabalho de Negroponte (1995), Anders (2013) e Gabriel (2013), ele nos menciona que a existência dos dois tipos de ambiente – o material, formado por átomos e o digital, formato por bits – integram o nosso cotidiano e que com a hiperconexão e a proliferação das plataformas digitais: “grande parte dos seres humanos passa a transferir parte de si para o mundo digital, e assim, criando possibilidades de viver transitando entre o ambiente digital (online) e o ambiental material (offline)” (RIBEIRO, 2014, p. 45). Essa situação de alternância constante e de sobreposição de realidades é chamada por alguns autores de cibridismo. E é por esse caminho que estamos pretendendo pensar a combinação das dimensões digital e não digital:

Cíbridos – híbridos de material e ciberespaço – são entidades que não poderiam existir sem reconciliar a nova classe de símbolos com a materialidade que eles carregam. [...] Cíbridos são mais que simplesmente uma separação completa (entre material e simbólico). Entre esses dois podemos ter componentes compartilhados (ANDERS, 2013 *apud* GABRIEL, 2013, p. 58).

É evidente que a cibercultura propicia uma certa politização da vida por meio das interações online, cujos efeitos se estendem para além da tela. Eles têm se manifestado de forma contundente por meio de um certo estado de “mal-estar” civilizatório, especialmente com relação ao cenário geopolítico atual. A divulgação e replicação de conteúdos de ódio se intensifica e nosso arsenal conceitual herdado da racionalidade moderna não consegue explicar adequadamente tais fenômenos. Pankaj Mishra, num artigo de 2016 ao jornal britânico *The Guardian* intitulado “Bem-vindos à era da fúria”, em que comenta sobre a eleição de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos, reflete sobre essa onda de “irracionalidade” furiosa com efeitos de escala global. Segundo o autor, a promessa de convivência pacífica da democracia liberal vitoriosa desde o fim da Guerra Fria não se concretizou e “não conseguimos entender

essa crise porque nossos conceitos e categorias intelectuais dominantes parecem incapazes de processar uma explosão de forças descontroladas” (MISHRA, 2016).

Letícia Cesarino (2020) discute esse fenômeno ao analisar o papel das redes sociais para a eleição de Jair Bolsonaro como presidente do Brasil em 2018. A autora cunha o termo “populismo digital” para se referir “tanto a um aparato midiático (digital) quanto a um mecanismo discursivo (de mobilização) e uma tática (política) de construção de hegemonia” (CESARINO, 2020, p. 95). Olhar para os impactos das estratégias online de mobilização política que vêm ocorrendo no Brasil e no mundo nos mostra, assim, que é preciso entender o digital como importante mediador das relações que se dão offline, numa imbricação entre os dois ambientes de maneira indissociável.

## **O nexo online-offline e a perspectiva etnográfica face a face**

Considerando o contexto apresentado aqui, de qual perspectiva etnográfica estamos partindo quando estamos propondo pensar no que resulta de uma combinação da etnografia digital com outros métodos não digitais? Entre as perspectivas possíveis, temos em Pedro Garcez e Lia Schulz (2015) o que podemos chamar de um fazer etnográfico fruto de olhares circunstanciados:

Entender cenários complexos e concretos e, ao mesmo tempo, compreender de forma ampliada diferentes cenários para construir conhecimentos a partir do que é específico; estranhar o cotidiano e aguçar os sentidos e trabalhar individualmente e em grupo, construindo narrativas e amarrando os sentidos dos diferentes pontos de vista; ter o privilégio do diálogo contínuo na devolução das análises e na discussão do que foi a pesquisa para os sujeitos pesquisados posteriormente e mesmo durante todo o processo... (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 27)

Esse exemplo é uma tentativa de visualizarmos como a dimensão digital impacta o nosso modo de organização, pensamento e comportamento. Esse impacto também provoca uma resignificação imediata nas nossas perspectivas de pesquisa, visto que esta também é um modo de organização, pensamento e comportamento, mas apenas mais sistematizado e fundamentado. No caso da pesquisa de cunho etnográfico, em que geralmente o que se preconizava era uma experiência face a face, colaborativa e coletiva, pensar em como o cenário de realização pode ser impactado pelos métodos digitais inclui tentar prever algumas situações que podem representar algum tipo de conflito na nossa relação

com o outro. Algo que com certeza se modifica da dimensão não digital para a digital são os turnos de fala. Eles se tornam mais palpáveis, por assim dizer. A intervenção e o silêncio diante da fala do outro se tornam mais agudas. Às vezes, essa passagem de turno pode ser até mesmo contaminada, seja por esquecermos de abrir ou fechar um microfone, por uma queda de energia, ou qualquer outra contingência externa.

É possível dizermos então que as já “tensas negociações de participação, as resistências, as perguntas sem resposta e as respostas controversas, os múltiplos entendimentos” (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 26) se intensificam no ambiente digital, e que os “movimentos sutis de negociação prática das relações sociais” (GARCEZ; SCHULZ, 2015) podem ser tornar ainda mais tensionados, pois essa negociação estará se somando a questões outras que fogem do nosso controle subjetivo, como limites e problemas de *affordance* e de acesso, qualidade de conexão, letramento e autonomia digital, etc.

Também é válido destacar que a combinação destes dois ambientes já está ocorrendo. Thayse Guimarães (2014), por exemplo, em pesquisa onde a geração de dados ocorreu através tanto da observação das interações nas redes sociais quanto do contexto escolar propriamente dito, se referiu ao seu processo metodológico como uma pesquisa etnográfica multissituada, isto é, “conduzida e traçada na justaposição de diferentes espaços interacionais”. (GUIMARÃES, 2014, p. 16).

Por se tratar de uma empreitada sistemática e minuciosa, podemos lançar mão também da ideia de mirada etnográfica, que aparece em Garcez e Schulz (2015) que, apesar de não estarem falando do ambiente digital, abordam justamente a diversificação de circunstâncias a serem consideradas numa investigação de natureza etnográfica, um aspecto que pode ser atribuído como advindo da dimensão não digital:

[...] a mirada etnográfica de que dispomos nos faz considerar que há muito a ser levado em conta para um olhar externo circunstanciado, de perto e no todo. Trata-se assim de **uma história natural**, para usar a expressão que McDermott e Raley (2011: 373) “conclamam e impõem”, “**uma análise [que] examina organismos e seus ambientes entremeados em tempo real em situações consequentes para seus participantes e além**” (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 10, grifo no original).

Se formos pensar o que está no “todo” e o que está de “perto” em relação à combinação das duas dimensões, é curioso que mesmo que se trate de um “ambiente entremeadado em tempo real em situações consequentes para seus participantes” como o trabalho citado por Garcez e Schulz

(2015) salienta, às vezes o que parece é que o nosso contato com a outra está cada vez mais limitado. Como se tivéssemos que pagar algum tipo de preço pelas barreiras de tempo e espaço que conseguimos romper.

Outra perspectiva possível é partirmos do que aparece no trabalho de Angrosino (2009, p. 30 *apud* GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 19), que “define a etnografia como ‘a arte e a ciência de descrever um grupo humano’, ressaltando que se trata de gente de carne e osso, e não de indivíduos”. Podemos pegar essa ideia de carne e osso *versus* indivíduos e esticá-la um pouco para a presente reflexão. Se nossas carnes e ossos agora foram substituídos por bits e bytes, ainda somos os mesmos indivíduos? Qual a diferença entre a transmissão da nossa imagem e a nossa presença? Como essa diferença impacta no processo investigativo e de elaboração desse registro?

É fato que as pessoas ainda continuam sendo de carne e osso, mesmo que por trás das telas. A pesquisa etnográfica, mesmo que digital, ainda se trata de “compreender as pessoas de carne e osso e as suas relações sociais em cenários complexos” (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 27), isso não mudou, o que mudou e está mudando é a configuração e o formato em que isso se dá. Grande parte do nosso cotidiano foi transferido para esse ambiente, e é no movimento dessa gangorra que estamos propondo pensar os efeitos dessa combinação.

Se realmente estamos nos tornando pessoas online e offline ao mesmo tempo (RIBEIRO, 2014, p. 45), isso de fato representaria um nível de comunicabilidade maior? Isso significa que o nosso campo empírico se estendeu ou dobrou de tamanho? O ambiente digital é um ambiente que pode ser construído coletivamente ou ele é apenas o que o *affordance* já pré-determinou que podemos fazer? São perguntas que apenas o fazer etnográfico, durante o processo de elaboração e registro, poderá dar cabo.

Pensando nessa inseparabilidade do online e offline, como podemos refletir sobre o uso de meios digitais aliados aos meios físicos no trabalho de campo etnográfico? Para quem estava acostumada a realizar etnografia face a face, diferentemente das pesquisas citadas nas seções anteriores, que já foram pensadas para o meio digital, como o impacto da pandemia de Covid-19 mudou ou acelerou o modo de fazer pesquisa em ambiente digital? Será que antes da pandemia ainda era possível lidar com uma etnografia totalmente offline e só agora precisamos reinventar nosso trabalho de campo para nos adaptarmos à nova realidade?

Os resultados dos nossos trabalhos anteriores nos indicam que não. A pesquisa de Thaís Batista (2015) mostrou que mesmo em um contexto rural, que muito tempo foi visto como um lugar remoto e livre de interferências externas, não é possível empreender uma etnografia totalmente offli-



ne, uma que vez a pesquisadora identificou infraestruturas de globalização no ambiente rural e notou como os processos de globalização têm efeitos tanto nos centros quanto também nas margens dos processos de globalização (BATISTA, 2015; BATISTA; PINTO, 2020).

Nessa pesquisa realizada pela pesquisadora entre os anos de 2013 e 2015, foram gerados dados etnográficos por meio de gravações de áudio e registros fotográficos, conforme as metodologias de Ben Rampton (2003) e Jan Blommaert e Ico Maly (2014), ao mesmo tempo em que integraram os dados para análise as postagens realizadas em redes sociais tanto dos locais em que a pesquisa foi feita - um instituto federal de educação e uma comunidade quilombola rural - quanto das pessoas participantes. Os posts nas redes sociais dos locais de pesquisa integraram diretamente o corpus analisado, enquanto as redes sociais das participantes foram usadas como uma maneira de ampliar a visão etnográfica e estabelecer interações com as pessoas participantes. Os resultados podem ser vistos em Batista (2015) e Batista e Pinto (2020).

Na pesquisa de Ana Luiza Krüger Dias (2019), o nexo online-offline também esteve presente, ainda que a abordagem etnográfica fosse face a face. No campo feito com estudantes migrantes, muitas das interações feitas com as participantes de pesquisa dependiam diretamente do uso de aplicativos de mensagens (WhatsApp). Foi graças à troca

de mensagens online que a pesquisadora pôde agendar os encontros face a face com as participantes. Parte do acompanhamento de campo também dependeu do uso de redes sociais (como o Facebook e o Instagram), através dos quais foi possível ampliar o campo e estreitar os laços com as participantes, além de gerar interações específicas, com desdobramentos nos resultados da pesquisa. Além disso, a gravação em áudio e vídeo das atividades de pesquisa (entrevistas e oficinas coletivas) se deu pelo uso de equipamentos eletrônicos, cujos produtos foram armazenados em meio digital. Ademais, o processo de transcrição do material gravado dependeu do uso de um programa de áudio especializado - e para o seu uso, a pesquisadora precisou assistir uma série de tutoriais disponíveis na internet.

A inseparabilidade do nexo online-offline nas experiências das pesquisas de Thaís Batista e Ana Luiza Dias apontam uma importante dimensão da etnografia como uma prática multissituada: a geração e a interpretação dos dados se constroem em múltiplos espaços e por meio de diferentes formas de registro e armazenamento. Isso nos mostra que os recursos da etnografia digital são fundamentais em trabalhos etnográficos que adotem uma perspectiva contra-hegemônica (BLOMMAERT; JIE, 2010), pois considerando a variedade dos contextos de pesquisa, a prática da etnografia multissituada (BRIGGS, 2007) é necessária para ampliar a vi-

são dos processos que se deseja analisar na pesquisa. Assim, ao gerar dados etnográficos em diferentes lugares, recursos digitais e não digitais podem integrar a metodologia de pesquisa de forma dialética.

Continuando no que diz respeito à geração de dados a partir de diferentes lugares, a discussão desenvolvida por Guimarães (2014) toca em alguns pontos sensíveis. Falando sobre os atravessamentos que a Internet provoca na nossa vida social, Guimarães (2014) relata o impacto desse ambiente na formação de experiências simbólicas durante a pesquisa. Um exemplo desse impacto é o deslocamento do nosso olhar mesmo sem sair fisicamente de onde estamos:

as interações com textos que circulam no mundo digital contribuíram para as re[significações constantes em minhas performances. Desde a adolescência, vozes circulantes na esfera digital vêm comparecendo em minhas práticas, apresentando-me outras realidades, modos de vida e uma maneira diferente de construir minhas identificações. Por meio das interações nos *chats* e *sites* do mundo virtual (primeira ferramenta de interação social a qual tive acesso), conheci práticas discursivas, que me apresentavam visões perturbadoras das minhas vivências locais na escola, família e religião” (GUIMARÃES, 2014, p. 17).

Ela nos traz que, atualmente, como estamos cada vez mais “indelevelmente marcados pela experiência de participação cotidiana em interações virtuais e pelas transformações que tais práticas possibilitam” (GUIMARÃES, 2014, p. 17), estaríamos caminhando para um novo *ethos* interacional, conceito que diz respeito a modos de ser e agir “moldados no ciberespaço e organizados em torno da colaboração, produção e distribuição de informação, o que possibilita incorporar outras performances identitárias e novos significados sobre nós e sobre o mundo social” (MOITA LOPES, 2012, p. 211 *apud* GUIMARÃES, 2014, p. 93).

Se referindo ao seu desenho de pesquisa como uma etnografia multissituada, pois seu campo foi traçado tanto na escola, em interação face a face, quanto nos grupos de interação virtual dos alunos, Guimarães (2014) traz um argumento recorrente no relato de seus resultados: o de como a produção coletiva, multiterritorial e multicultural estaria afetando os nossos modos de aprender e criar identificações. Em vários momentos, a pesquisadora enfatiza como o significado no ciberespaço se relaciona com a “a natureza emergente e translocal das práticas de recontextualização dos sentidos” (GUIMARÃES, 2014, p. 91-92). Um dos pontos de destaque deste trabalho, portanto, está na discussão sobre como os laços indexicais dos significados em redes se agudizam. Como lembra Fabrício, no espaço digital, o trajeto da

construção de sentidos nas ações interações contemporâneas é pluridirecional (FABRÍCIO, 2017), isso significa que o acompanhamento das trajetórias textuais se torna mais importante ainda.

A observação do mundo através da ótica das relações que são multiterritoriais e multiculturais não é uma característica exclusiva do ciberespaço, mas é algo que é mais facilmente potencializado pelos recursos tecnológicos.

### **Migração de pesquisa não digital para pesquisa digital**

Os impactos da pandemia de Covid-19, deflagrada no Brasil em março de 2020, são muito difíceis de se dimensionar. Por um lado, porque trata-se de uma pandemia ainda em curso, com variantes do coronavírus causando infecções e mortes ao redor do mundo e exigindo constantes atualizações dos protocolos de segurança com relação ao convívio social. Por outro lado, porque tais impactos são de ordens muito diversas, indo desde o colapso dos sistemas de saúde, passando pelas perdas e pelo luto de milhões de famílias, profundas mudanças na economia global e no mercado de trabalho, redefinição de políticas públicas, entre outros.

Para nós, pesquisadoras, o ano de 2021 chega ao fim com um sentimento paradoxal: parece que estamos trabalhando mais do que nunca e, ao mesmo tempo, ficamos

com a impressão de que não fazemos muita coisa, isoladas em casa na companhia de rostos pixelados em nossas telas. Como continuar nossas pesquisas? Como conciliar nossa produção acadêmica com todas as demandas - antigas e novas - que se apresentam diante de nós? Para quem fazia incursões etnográficas face a face, como proceder? Que tipo de mudanças, adaptações e continuidades devemos (e podemos) seguir neste processo?

As perguntas e dúvidas são muitas. As respostas nem tanto, já que nos falta repertório linguístico para dizer de tudo isso que estamos vivendo. Por ora, um primeiro passo é assumir, com bell hooks (2008), que a construção do conhecimento é um processo sempre fragmentado, mas que é possível aprender com os espaços de falha, de ruído e de silêncio. Aos poucos, passamos a construir, de forma contingencial e negociada, sentidos a partir dos recursos materiais e simbólicos a nós disponíveis no presente momento histórico. E curiosamente, isso tem muito a ver com o fazer etnográfico em nossas pesquisas, porque passa por reconhecer e relatar o que poderia ter sido e não foi, ou o que foi de um jeito torto, porém possível – para, quem sabe, traçar novos rumos.

Acreditamos que o primeiro e mais importante aspecto a ser considerado quando pensamos os caminhos a seguir diante de um cenário pandêmico é nos mantermos vivas e seguras. Sabemos que boa parte da população brasileira não pôde contar com condições materiais de permanecer em iso-

lamento para garantir sua sobrevivência. Para aquelas de nós que puderam ficar em casa durante este período, foi essencial levar em conta que o andamento de nossas pesquisas depende diretamente de uma infraestrutura básica de moradia e alimentação, bem como acesso mínimo a equipamentos de informática capazes de atender – ainda que não idealmente – as principais demandas do trabalho virtual em casa.

Associadas às condições materiais, é preciso levar em consideração a importância das condições subjetivas e emocionais que atravessam o processo de fazer pesquisas numa pandemia. Muitas de nós experimentamos ansiedades, angústias e tristezas relacionadas à perda de pessoas conhecidas; à solidão e à falta de contato físico com pessoas queridas; ao desespero com a gestão irresponsável e assassina do governo brasileiro diante dessa crise sanitária; ao acompanhamento da continuidade do genocídio das populações negras e indígenas desse país. Um profundo adoecimento psíquico, exprimido muitas vezes na forma de uma completa apatia diante das incertezas do futuro, acometeu muitas de nós e também precisa ser levado em consideração quando refletimos sobre a continuidade de nossas pesquisas.

Diante de tudo isso, tentar traçar novos rumos para o futuro de nossas pesquisas passa por refletirmos sobre o que estamos fazendo agora, no presente. Além da importância de manter estratégias de autocuidado neste momento, precisamos nos adaptar rapidamente a outras tecnologias comu-

nicacionais e a novas maneiras de interação. Neste ponto, a possibilidade de encontros virtuais coletivos com colegas de pesquisa é fundamental para o acompanhamento de outras pesquisas e o compartilhamento de angústias e estratégias de enfrentamento dessa crise. As trocas virtuais realizadas também podem auxiliar a pensar em algumas questões teóricas importantes e a redirecionar as atividades de pesquisa.

Outra coisa é certa: novas formas de criação e compartilhamento de conteúdo acadêmico têm se proliferado. Diversos eventos e diálogos têm sido promovidos por instituições via transmissões ao vivo e vídeos no YouTube, além de trocas por meio de videochamadas, nas quais temos a oportunidade de ouvir e interagir com teóricas e pensadoras da área sobre temas diversos.

Partindo, portanto, desse cenário que exige mudanças e adaptações, pensar no que significa uma migração do não digital para o digital no fazer etnográfico não diz respeito apenas a uma transposição de suportes materiais, e está para além de uma mera modernização de ferramentas. Tentar esboçar alguns dos impactos que a caminhada para o ambiente digital causa a partir de uma situação forçada - que é a pandemia - é exercer a reflexividade metodológica necessária para o momento.

O que estamos vivenciando e o que estamos chamando de migração, então, tem mais a ver com uma incorpora-



ção (forçada? necessária?) de tecnologias da informação às nossas práticas de vida, e menos a ver com uma substituição de uma coisa pela outra.

A ampliação das ferramentas de pesquisa também requererá uma ampliação do olhar, uma qualificação crítica no tratamento do que pode ser gerado, para que o volume dos dados disponíveis do *Big Data* não nos engula.

Tendo em vista que migrar de uma dimensão para a outra não poderá ser visto de maneira isolada (assim como na própria etnografia não é costumeiro se olhar para os enunciados de forma isolada) um dos pontos fortes do fazer etnográfico é podermos partir da remodelação constante dos contextos. Infelizmente, o contexto que estamos vivendo agora é trágico, mas podemos tentar desenhar um cenário de resistência, dando sequência ao que queremos propor enquanto pesquisadoras, que pressupomos ter a ver com “ver e contar histórias mais completas sobre o que entendemos estar ocorrendo em cenários que queremos conhecer” (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 26).

O que Garcez e Schulz (2015) chamam de sensatez etnográfica é o fato de a pesquisa de cunho etnográfico ter um compromisso justamente com o diálogo e com a sensibilidade adaptativa aos contextos. A pesquisa de cunho etnográfico, portanto, apresentaria uma plasticidade maior para “sofrer” uma migração:

Dito de outro modo, quanto mais se exige que a investigação esteja voltada para a resolução de problemas mediante trabalho investigativo conjunto em configurações variadas de especialistas acadêmicos e profissionais, mais demanda há para os olhares circunstanciados para ocorrências reais, particulares, mediadas por práticas de linguagem, de ações situadas ecologicamente, isto é, de etnografia da linguagem. (GARCEZ; SCHULZ, 2015, p. 25).

Sem esquecermos um detalhe: a migração é também uma reorganização da identidade da pesquisadora. Estamos preparadas para isso? Se por um lado a seção anterior nos mostrou a inseparabilidade entre o online e o offline, por outro lado o contexto atual gerou uma ruptura nas interações offline - ainda que estivessem intrinsecamente ligadas ao online, e nos vimos impedidas de realizar qualquer tipo de interação etnográfica face a face.

Muitas de nós que fazíamos trabalho de campo face a face em 2020, ou pretendíamos fazer, fomos pegas em diferentes momentos de nossas pesquisas quando a pandemia de Covid-19 foi deflagrada no país. Algumas estavam em meio ao trabalho de campo etnográfico gerando dados com as participantes, outras tinham acabado de desenvolver

o projeto de pesquisa prevendo interações face a face e se preparavam para iniciar o trabalho de campo, outras ainda iniciavam a construção do projeto de pesquisa e ainda não tinham definido em detalhes a metodologia que seria usada na pesquisa. O fato é que todas experimentaram os efeitos do isolamento social e da pandemia em algum momento de seus trabalhos de pesquisa.

Nós oscilamos entre momentos em que tentamos buscar soluções “criativas” para contornar a impossibilidade de realizar o campo tal qual havíamos planejado e momentos em que achávamos que nossas pesquisas estavam perdidas, e que deveríamos desistir delas. Isso se mostrou especialmente agudo para pesquisadoras afeitas ao campo empírico. Vermo-nos privadas de realizar o campo etnográfico em interação face a face e de discutir nossas questões de pesquisa de forma coletiva e periódicas acaba gerando efeitos não somente relativos à geração de dados, mas também outras etapas da pesquisa, como a revisão de literatura e a discussão da metodologia.

## **Redesenho de pesquisa**

Para quem estava construindo um projeto de pesquisa etnográfica e realizando atividades pré-campo quando o isolamento social se fez necessário, foi preciso reavaliar o

trabalho que seria feito, uma vez que não seria mais possível realizar a pesquisa tal como planejada e iniciada. Para isso, foi preciso começar a olhar para o campo de outro jeito, entendendo que a própria experiência etnográfica está em constante transformação, assim como os itinerários teóricos nos quais nos apoiamos não se configuram como categorias estáveis no tempo e no espaço.

Uma das viradas teórico-metodológicas importantes neste contexto foi entendermos que o caminho não seria esperar a pandemia acabar para que então pudéssemos dar prosseguimento à pesquisa planejada, como se tivéssemos apenas suspenso os procedimentos por um tempo. As consequências deste momento histórico já se impõem sobre nossas subjetividades e não é possível apagá-las. Por outro lado, também percebemos que não se trata de tentar “adaptar” nossas pesquisas à nova realidade, com a migração para um campo virtual feito de redes sociais mediadas pela tecnologia sem a devida reflexão crítica sobre esse movimento. Por isso, é importante compreender que, na realidade, as perguntas de pesquisa agora deveriam ser outras, com a construção de novos olhares e novos modos de fazer, os quais ainda se desenham.

Para quem já gerava dados em interação face a face, já considerando o nexos online-offline, a impossibilidade de continuar encontrando as participantes em interações face a face impactou na pesquisa, de modo que houve necessi-

dade de interromper etapas previstas em interação face a face, readaptar ou mesmo renunciar a algumas atividades anteriormente previstas.

Na pesquisa de doutorado realizada por Thaís Batista (2018), já haviam sido realizadas atividades face a face em oficinas biográficas, por isso, a pesquisadora avaliou que não precisaria adaptar essas atividades para alguma modalidade digital, contudo, todos os outros movimentos etnográficos foram feitos por mediação de tecnologias, já que na etnografia é fundamental observar o campo em diferentes momentos e diferentes espaços. Assim, as interações entre a pesquisadora e as participantes por meio de aplicativos de mensagens e redes sociais se intensificaram e passaram a ser a única maneira de comunicação de assuntos relacionados à pesquisa ou não.

Isso tem efeitos em muitos aspectos das interações e inclusive no volume de participação das pessoas na pesquisa, já que algumas interagem mais por esses meios do que outras por motivos diversos que podem ir desde questões de acesso e recursos materiais até à familiaridade com as plataformas e interesse em manter tantas interações online, já que muitas de nós ficamos saturadas de tanta exposição às telas e de tanta sobreposição de demandas que o trabalho remoto desencadeou.

A pesquisa de doutorado de Ana Luiza Dias (2019) estava prevista inicialmente como uma etnografia em interação face a face que envolveria convivência e observações de campo, a movimentação pelo tempo e espaço juntamente com as participantes em diversas atividades, gravação de entrevistas individuais e a produção de oficinas colaborativas, grupos de discussão e rodas de conversa. A pesquisadora já havia realizado algumas entrevistas individuais antes da deflagração da pandemia, mas precisou redirecionar parte de suas estratégias para realizar o pré-campo com novas participantes de forma totalmente digital, por meio das redes sociais, troca de mensagens e e-mails. Essa experiência certamente muda a forma de abordagem e de movimentação pelo campo, já que elas dependem de uma dinâmica interacional e espaço-temporal particulares, como veremos a seguir.

Redesenhar a pesquisa, pensar nas novas configurações de um projeto já iniciado, novas metodologias ou formas de adaptar metodologias pensadas para interações face a face pode gerar dúvidas e insegurança, pois é comum que espere-mos cumprir um trabalho de pesquisa planejado anteriormente, e mesmo reconhecendo o potencial da etnografia que, conforme aponta Hymes (1996), é um método dialético que parte de perguntas iniciais, mas que está aberto para o surgimento de novas perguntas e para se refazer algumas delas durante o percurso, e que as ações realizadas durante a pesquisa são suscetíveis de autocorreção - de modo que é normal ocorre-

rem mudanças no processo conforme o andamento do campo - pensar em mudar de forma tão drástica os procedimentos de pesquisa pode ser algo um tanto assustador.

Uma questão importante que se impõe nesse momento é o fato de que nossas próprias concepções sobre o que significa planejar e executar um plano de trabalho costuma tomar como certas as condições para o seu cumprimento. E a pandemia, em certa medida, nos mostra a fragilidade de nossos modelos de planejamento. Ao mesmo tempo, passamos a entender que o que vivemos e fizemos ao longo desta experiência absolutamente inédita e atravessada pelo medo e pela dor da perda, está permanentemente atravessado por lutos que, afinal de contas, não poderiam estar previstos em planilhas do Excel.

Entre os movimentos necessários para o redesenho do campo, está a definição das possibilidades de movimentos de campo. Que tipos de plataformas e de registros devemos escolher? As possibilidades são diversas e envolvem desde a realização de formulários online, videochamadas (que podem ser gravadas com o consentimento das pessoas participantes), passando por conversas virtuais por meio de aplicativos de mensagens e troca de e-mails, acompanhamento nas redes sociais, e até a expansão do campo para incluir outras ferramentas em potencial.

Na pesquisa de Ana Luiza Dias (2019), por exemplo, a pesquisadora procurou manter uma continuidade de diálogo com as participantes, mantendo contatos virtuais especialmente pelo aplicativo Instagram. O design dessa rede social, envolvendo postagens de fotos e vídeos que permitem interações verbais, potencializa a percepção de aspectos não explorados por aplicativos de mensagens comuns. Entre eles, estão as dinâmicas de enfrentamento deste período de pandemia que elas têm construído, as quais incluem redes de apoio que elas efetivamente mostram e movimentam nas suas contas pessoais e profissionais - como por exemplo a realização de transmissões ao vivo. Nas conversas travadas, a pandemia acaba emergindo como um assunto inicialmente não previsto para as interações, e é possível perceber que o próprio uso das redes sociais como lugares de diálogo com o mundo ganha mais força neste momento, bem como as questões de letramento digital e as dificuldades com a conexão - aspectos que impactam diretamente na forma como a interação se dá.

O papel fundamental da mídia social Instagram para a geração desses dados mostra, além disso, não somente a importância de ampliação das ferramentas de pesquisa, mas também colocam a própria pesquisadora em perspectiva diante das participantes, já que elas têm acesso a aspectos de nossas vidas pessoais através das nossas postagens (e mobilizam afetos diante delas, interagindo através de curti-



das e comentários), além de constituir um lugar de fortalecimento da confiança e reciprocidade entre nós.

Outro movimento importante no redesenho da pesquisa é a definição dos formatos de interação. Eles serão individuais ou coletivos? Se forem coletivos, é possível que o grupo participante se reúna ao mesmo tempo? Todas as pessoas participantes dessa interação estão cientes de que se trata de um momento de pesquisa? Que programa será usado para essa interação? Todas as pessoas envolvidas sabem trabalhar com tal programa? Trata-se de perguntas importantes que nós, pesquisadoras, devemos nos fazer como forma de garantir um acesso mais democrático e acessível para quem participa de nossas pesquisas.

Os tipos de registro do campo digital neste momento também são fatores fundamentais no redesenho da pesquisa com interações face a face para a pesquisa digital. O registro no caderno de campo continua sendo um forte aliado das pesquisadoras neste momento, combinado agora com um acervo de capturas de tela e o armazenamento de gravações em áudio e vídeo. Por fim, o redesenho da pesquisa deve considerar as limitações que os modelos de comunicação desenhados pelas plataformas digitais impõem, incluindo não somente problemas de conexão e gerenciamento de turnos de fala, mas também a criação de novas metapragmáticas da interação virtual, com as quais ainda estamos nos familiarizando.

Como tem ficado evidente até aqui em nossa argumentação, desafios não faltam quando o assunto é a migração de pesquisas etnográficas predominantemente face a face para o ambiente digital. Muitas são as questões que nos surgem que vão desde o acesso às infraestruturas de comunicação online e os recursos materiais para isso até os desafios da própria execução da pesquisa e de como lidar com os dados produzidos nelas.

## **Acesso e desigualdades de recursos materiais**

Como já foi abordado anteriormente, ainda que o mundo esteja imerso em tecnologias digitais e que as comunicações estejam cada vez mais mediadas por infraestruturas como a internet, o acesso às infraestruturas de globalização e a distribuição de recursos materiais se dão de maneira desigual por todo o mundo, e com a intensificação da vida online desde o início da pandemia essas desigualdades têm se tornado ainda mais evidentes.

Em nossos campos de pesquisa não foi diferente. A necessidade de interações totalmente online expôs desigualdades de acessos e de recursos, de modo que as participações das pessoas em atividades de campo passaram a sofrer interferência dessas contingências. Além disso, durante o isolamento social, todas as pessoas tiveram que rearranjar suas rotinas. No caso da pesquisa de Thaís Batista (2018), al-

gumas das estudantes migrantes que participavam da pesquisa voltaram para suas cidades e passaram a acompanhar as aulas remotas de lá. Nem todas tinham as condições adequadas para acompanhar aulas remotas, como equipamentos e acesso a uma boa internet. Além disso, o meio digital também era usado por elas para outras interações, como com familiares e pessoas próximas ou para se mobilizarem em atividades políticas e de movimentos sociais. Desse modo, as condições de acesso para participações constantes em atividades de pesquisa diminuíram bastante.

Por outro lado, a utilização de recursos digitais para gerar dados etnográficos pode permitir que a pesquisa tenha um maior alcance de participantes, chegando em pessoas e lugares não previstos no momento da construção do projeto. É isso que a pesquisa de Camila Santos (2019) está mostrando. Se por um lado a pesquisadora teve que readaptar as metodologias de geração de dados que previu no projeto, por outro lado ela percebeu que os encontros online para geração de dados permitiram a participação de pessoas que moram em outras cidades e que não participariam da pesquisa caso os encontros fossem face a face.

Num curto texto intitulado “Notas sobre a pandemia: Como conduzir uma etnografia digital durante o isolamento social”, Daniel Miller toca em alguns pontos interessantes que podem estender a reflexão tanto sobre como podemos

compreender o aspecto contingencial das nossas experiências etnográficas online e offline e também na ampliação do nosso horizonte de ação.

Falando a partir da antropologia virtual, ele inicia sua argumentação relacionando a atuação no campo online a uma sensação de invisibilidade, como se de imediato a primeira reação fosse a de que estamos realizando um trabalho sob restrições. É como se tivéssemos perdido o local propriamente dito de pesquisa (presencial, aparentemente offline). Claustrofóbico diante dessa situação, ele começa então a tentar olhar para o que se pode realizar em termos de mudança de perspectiva com as condições disponíveis, e passa a elencar algumas alternativas para que lidemos com essa situação que nos parece incontornável.

A pergunta que o autor se faz é similar à que estamos nos fazendo aqui: o que fazer então de diferente na abordagem etnográfica diante desse novo regime virtual?

A primeira coisa que ele destaca é uma regra básica do regime online: ser útil em promover um ambiente de maior autonomia para as pessoas envolvidas. E a segunda coisa, que queremos destacar mais fortemente aqui, é estarmos atentas para a organicidade e contingencialidade do contexto.

Os exemplos que Miller descreve são situações advindas de entrevistas online. Ele menciona alguns casos tanto de pesquisas que começaram no campo com interações face a face e foram transferidas para o digital quanto

pesquisas que tiveram de ser reajustadas totalmente para trabalhar sob novas condições, não podendo apenas serem “transferidas” de um ambiente para o outro. Ele menciona, por exemplo, o caso de pessoas que se mostraram mais confessionais e mais à vontade para compartilhar informações quando estavam online:

É realmente bem interessante o que descobri: aquelas pessoas que conheci quando estava em campo e com quem agora estou em contato na webcam parecem muito mais abertas. Elas estão me dizendo coisas – coisas particulares, coisas íntimas – que não estavam me dizendo antes. (MILLER, 2021 p. 2)

Ele destaca então a importância de estarmos atentas para essa organicidade do ambiente online, que impacta diretamente na metodologia de nossas pesquisas. De acordo com ele, a atenção para as particularidades de um ambiente de interações múltiplas e rápidas nos obriga então a exercer o que ele chama de um método orgânico, que tem a ver com uma maior flexibilidade metodológica. Neste momento, Miller está falando sobre o método como algo que se aprende enquanto a particularidade social acontece (isso não significa que não há uma metodologia sendo aplicada, mas sim que estará se trabalhando com um nível de atenção mais alto e

de flexibilização constante, pois é necessário se concentrar ainda mais na observação participante. Para o autor, “o método também é algo que você aprende no curso da etnografia. Na verdade, tudo se baseia na sensibilidade, na compreensão de como uma população em particular funciona.” (MILLER, 2021, p. 3) Um outro aspecto interessante desse texto se dá na ruptura da tendência que temos de imaginar que estamos perdendo algo ao migrar do não digital para o digital. Como se o contato real, humano, fosse inviabilizado. Entretanto, a perspectiva acionada nesse texto é a de que na verdade podemos estar aumentando nosso acesso a evidências que não teríamos condições de conferir se estivéssemos apenas offline. Se referindo ao “lá” como ao universo virtual, ele descreve uma de suas atitudes de pesquisa:

você procura ficar lá tempo suficiente para obter um senso de repetição, de tipicidade e, acima de tudo, o que se chama de normatividade. O que as pessoas consideram apropriado ou inapropriado – é interessante notar – se revela com rapidez mesmo online e pode ser estudado. (MILLER, 2021, p. 7)

O exemplo acima é o caso de uma pesquisa em que se reuniu aproximadamente cinquenta mil imagens para a composição das diferenças - de gênero, classe e construção

de corpos - presentes em dois cenários urbanos. A grande quantidade de informações que foi possível reunir em uma breve duração de tempo é referida pelo autor como uma possibilidade de capturar “num universo como esse, o que constitui a essência da etnografia offline” (MILLER, 2021, p. 7), como se fosse uma potencialização do que conseguiríamos operacionalizar fisicamente. A migração do não digital para o digital então poderia nos remeter aos meios de comunicação como extensões de nós mesmas? Seria essa potencialidade a chave para compreendermos o conceito de sujeitos cíbridos do qual nos fala Ribeiro (2014)?

## Questões éticas

O compromisso ético com a pesquisa é algo muito caro para pesquisadoras empiristas como nós, pois lidamos cotidianamente com as relações humanas em nossas pesquisas, que é perpassada por assimetrias diversas como as assimetrias de poder entre as pessoas que conduzem a pesquisa e as pessoas que participam. Em todos os contextos de nossas produções etnográficas, totalmente digitais ou predominantemente face a face, nós já buscamos por estratégias de produção coletiva de material numa tentativa de amenizar e mesmo questionar algumas dessas assimetrias.

Além disso, as questões éticas também perpassam a proteção da identidade das participantes e o cuidado com os dados gerados para uma pesquisa. Para quem trabalha com a etnografia digital com dados que são produzidos nas redes sociais, é importante ter alguns cuidados para preservar a identidade de usuárias das plataformas. No caso da pesquisa de Amanda Vallada (2020) não foi preciso omitir identidades de participantes, já que a pesquisadora lidou com vídeos publicados no YouTube e que estavam disponíveis de forma pública e não analisou comentários de usuárias da plataforma. Já no caso da pesquisa de Roberto Borges e Glenda de Melo (2019), que analisaram a reprodução de discursos de injúria racial e de gênero no Facebook, a autora e o autor optaram por transcrever os posts e transformar os nomes das pessoas envolvidas na interação em siglas para preservar as identidades e evitar o rastreamento dessas postagens na rede social.

Para quem gera os dados etnográficos diretamente com as participantes da pesquisa, os cuidados éticos são ainda maiores já que a pesquisadora é responsável pela geração, armazenamento e cuidado com os dados. Nesse tipo de pesquisa, o passo inicial é a submissão do projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa e, com isso, toda a documentação do aceite para participação e permissão para uso dos dados gerados via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.



Contudo, o cuidado com os dados e o compromisso ético com as participantes de pesquisa vão muito além dessa documentação. É preciso armazenar os dados com cuidado e mantê-los protegidos de invasões e vazamentos.

Quando geramos os dados de uma pesquisa em interações face a face, ainda que muitos deles possam ser convertidos para o meio digital, como é o caso de gravações de áudio e vídeo e digitalização de materiais produzidos em oficinas, alguns dos cuidados que tomamos é de armazenar esses dados em meios físicos locais, como HD externos, evitando sempre que possível o compartilhamento deles nas redes, para reforçar sua proteção. É interessante como isso parecia menos problemático para quem fazia trabalho de campo face a face. Agora que todos os nossos dados precisam ser gerados diretamente nas redes, o que vemos são constantes invasões e ataques em salas virtuais e não temos mais a privacidade de produzir dados em grupos reservados como em uma sala física e armazená-los em um HD externo sem colocá-los na rede.

Essa inquietação chegou também à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) que publicou o Ofício Circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, de 24/02/2021, no qual orienta sobre pesquisas em ambientes virtuais. O ofício define o que se entende por meio ou ambiente virtual como a utilização internet - por meio de e-mails, formulários, sites - e

telefones - por meio de ligações, aplicativos e outros programas - em qualquer etapa da pesquisa. Uma das orientações do ofício é que a pesquisadora informe que além dos riscos que a pesquisa já poderia gerar em interações face a face, existem também os riscos que são comuns ao ambiente digital. Além disso, o documento orienta que a pesquisadora deve se atentar para as políticas de privacidade e compartilhamento da plataforma que decidiu utilizar na geração de dados para garantir mais segurança às participantes. Por fim, o documento orienta que os dados gerados nas plataformas online sejam baixados da plataforma para um dispositivo físico local e removidos da plataforma ou de qualquer armazenamento em nuvem ou compartilhado. Evidentemente, isso não evita os riscos de invasões em salas virtuais nem de vazamento de dados, mas quanto menos tempo essas informações permanecerem na rede, menor será o risco de problemas com a privacidade.

Uma outra preocupação ética que temos em produções etnográficas com grupos e que se intensificou nas gerações de dados em meios digitais é a presença de pessoas que não integram formalmente a pesquisa como participantes, ou seja, não assinaram o termo de consentimento, e mesmo assim participam de sessões de geração de dados.

Algumas pessoas que faziam parte do grupo convidado para participar na pesquisa realizada por Thaís Batista (2018) não quiseram participar formalmente da pesquisa e não assinaram o termo de consentimento, mas ainda assim participaram de algumas atividades de geração de dados. Na pesquisa de Camila Santos (2019) isso foi ainda mais complexo, já que a pesquisadora lidava com a presença de pessoas que não integravam a pesquisa como participantes formais em diversos dos encontros que promoveu e que estavam mais acessíveis para ampla participação já que ocorreram em salas virtuais.

Um questionamento que sempre fazemos é sobre como tratar a participação dessas pessoas sem infringir a ética da preservação da identidade da pessoa e ao mesmo tempo não omitir os aspectos contingenciais da etnografia. Será que basta não apresentar os dados que são gerados diretamente por essas pessoas que não autorizaram sua exposição? Será que apenas omitir não prejudicaria o aspecto ético da pesquisa etnográfica de ser ampla e não “esconder” aquilo que não será utilizado para a análise da pesquisa? Será que descrever essas contingências como parte do contexto da pesquisa seria uma forma de assumir sua existência sem expor os dados de pessoas que por motivos diversos optaram por não participar da pesquisa? As perguntas são

muitas. As respostas com certeza ainda estão em construção, assim como o fazer etnográfico que é passível de autocorreção durante todo o processo, sem respostas prontas, sem modelos fixos, mas sempre questionando, refazendo questionamentos, buscando respostas e refazendo essas respostas constantemente.

Por fim, a nevrurgia da ética digital também tem a ver estritamente com a sensibilidade e o tino de nós pesquisadoras diante da situação sanitária atual, que seria a questão máxima que está pautando toda a problematização existente aqui, o real motivo pelo qual estamos pensando nos efeitos de uma migração, e que impacta diretamente nossas atitudes diante do nosso objeto de estudo. Miller (2021) é certo em afirmar que:

Se você realmente se preocupa com ética agora, então para mim – esse é esmagadoramente o caso – seu principal problema ético está na situação da pandemia. Há uma razão para você fazer sua investigação online: é justamente por causa dessa crise que estamos passando atualmente. Então, você pode esperar que haja ansiedade, depressão, talvez abuso, certamente claustrofobia. O ético é realmente buscar ter certeza de que você se porta de modo sensível a isso no seu envolvimento com as pessoas (MILLER, 2021, p. 5-6).

Os efeitos a longo prazo de todas as mudanças que estamos experienciando ainda engatinham. Certamente, ainda nos faltam muitos recursos materiais e simbólicos para lidar com a complexidade do universo digital, potencializado pelo cenário pandêmico que se impôs à humanidade em 2020, e cujas consequências se farão sentir ainda por décadas. Adrienne Rich nos conta que “uma língua é um mapa de nossas falhas”.<sup>16</sup> Talvez precisemos realmente fazer uso de uma linguagem e de novos jeitos de olhar para ela para reencenar a inevitabilidade do horror que estamos vivendo neste momento histórico. Ao mesmo tempo, como aponta o pesquisador Junot Maia (2018), as tecnologias digitais, mesmo com suas limitações, vêm assumindo um papel fundamental na dinâmica de estabelecimento de redes alternativas de formação e de comunicação, retirando do silenciamento violações a direitos humanos por meio de letramentos de sobrevivência. Sendo assim, assumimos, por ora, que talvez as respostas para as perguntas colocadas ao longo deste manual venham mesmo do desconhecido que se apresenta diante de nós. Contudo, essa linguagem é, ao mesmo tempo, um instrumento de subversão possível que pode levar a construir novos lugares de existência e resistência.

---

16. Retirado do poema “Incêndios de papel em vez de crianças” (*The burning of paper instead of children*), de 1968.

Chegou até aqui?



Figura 9 - Resposta automática do algoritmo do Twitter regulando as ações da usuária

**Obrigado, humano!**

Você já pode voltar a ver o que está acontecendo.

Fonte: Arquivo de imagens da Coletiva Ciborga (2021).

Agora que chegamos ao final do nosso manual, gostaríamos de apresentar um esquema dos principais aspectos levantados ao longo do livro. Antes disso, contudo, é importante destacar alguns pontos que acreditamos que podem servir de bússola na condução das futuras pesquisas sobre linguagem por meio da etnografia digital. Sendo assim, em sua pesquisa, fique atenta a algumas questões:

A realidade muda a todo momento, principalmente quando estamos lidando com o meio digital. Certamente muita coisa mudou antes mesmo de você terminar a leitura deste livro!

A realidade não está inerte à espera de que a pesquisadora a “descubra”: a etnografia também é um processo de construção dessa própria realidade.

Lembre-se de que a instabilidade do campo faz parte dos dados que geramos.

Tanto o fazer etnográfico quanto o meio digital produzem novos vocabulários e novas elaborações teóricas capazes de dar maior contorno às transformações que estamos vivendo.

As coisas não só podem como vão dar errado ao longo das nossas pesquisas, e isso faz parte da vida! Tão fundamental quanto um bom planejamento é lembrar que esse planejamento irá sofrer transformações graças às contingências do processo.

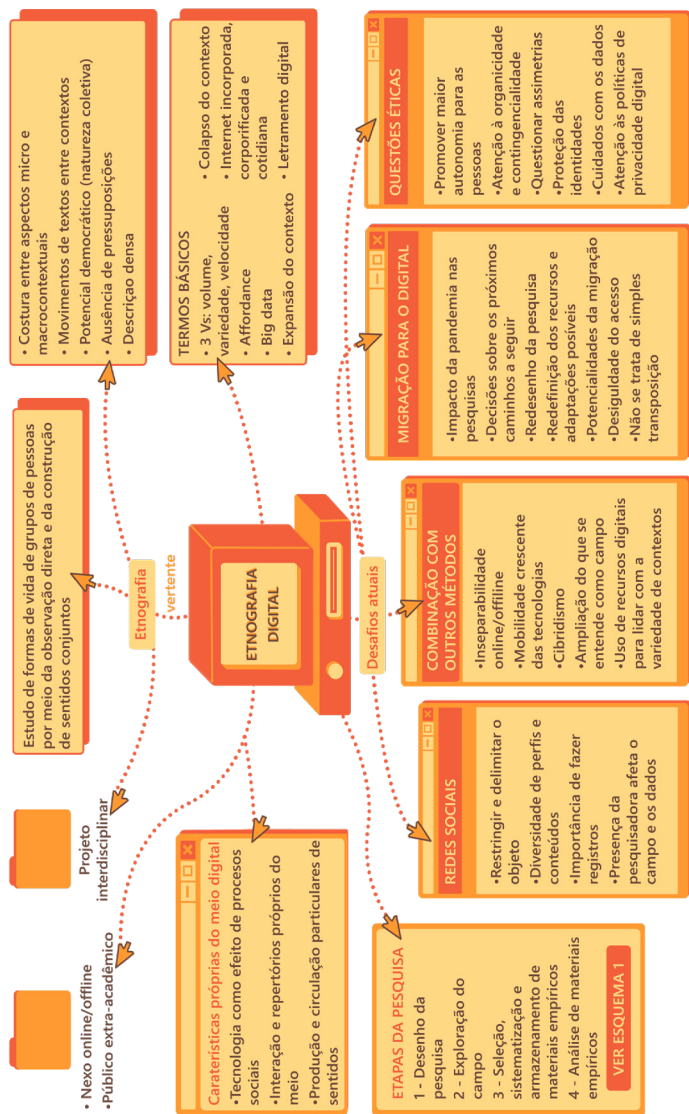
Por mais que pareça que o campo digital seja muito mais caótico do que o campo das interações face a face, ele se situa em camadas de contextos. Os aspectos observados no meio digital só adquirem sentido, força e efeito na cadeia de processos e fenômenos macroestruturais que os possibilitam.

- Uma narrativa de pesquisa é informada pelas trajetórias percorridas pelos diversos tipos de textos que a compõem, e está inserida numa complexa rede de recursos materiais, institucionais e afetivos.
- É primordial levar em consideração o tempo, as condições materiais e nossa relação com as infraestruturas do universo digital ao fazermos uma etnografia digital.
- As decisões a serem tomadas no campo devem obedecer a princípios éticos e estarem conectadas aos objetivos da pesquisa.
- Saber quando parar de gerar dados e analisá-los, e efetivamente começar a escrever nossa narrativa de pesquisa é etapa fundamental em qualquer etnografia.
- É importante fazer continuamente perguntas críticas sobre os dados gerados e sobre o contexto diante do qual nos colocamos.



- A etnografia está baseada num compromisso com a empiria, o que implica em não deixar de fora das nossas narrativas etapas importantes que foram cumpridas durante a pesquisa e não apagar dados que não “sirvam” ao propósito da pesquisa ou que “distraiam” a suposta pureza dos dados e do contexto.
- É preciso reconhecer que as ferramentas virtuais não foram projetadas para pesquisas etnográficas digitais e são muitas vezes incompatíveis com as expectativas da pesquisadora.
- As plataformas digitais são controladas por grandes empresas com interesses econômicos muito bem definidos e isso tem impacto direto na forma como elas são pensadas em termos de interface, utilização dos dados das usuárias e transparência (ou a falta dela) nos seus termos de uso. Ou seja: o funcionamento do ambiente digital está intrínseca e profundamente conectado a estruturas de poder e de conhecimento.

# Esquema básico sobre etnografia digital nos estudos da linguagem



## Referências



AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em ciberculturas: limites e insuficiências metodológicas. **Revista USP**, São Paulo, n. 186, p. 122-135, 2010.

BARTON, David; HAMILTON, Mary. Literacy Practices. In: BARTON, David; HAMILTON, Mary; IVANIČ, Roz (ed.). **Situated Literacies**: Reading and writing in context. London: Routledge, 2000. p. 7-15.

BATISTA, Thaís Elizabeth. 2015. 143f. **Globalização em paisagens linguísticas e usos de marcadores discursivos**: policentricidade, escalas e metapragmática nas práticas linguísticas de jovens urbanos e quilombolas. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015.

BATISTA, Thaís Elizabeth. Lentes viajantes: o olho errante ocidental na visão de ciência única. In: SILVA, Leosmar Aparecido da; GIMENEZ, Priscila Renata; CANEDO, Rogério; DAMASCENO-MORAIS, Rubens. (org.). **Pesquisas 2020: Linguística em foco**. Goiânia: Cegraf, 2020. p. 296-315.

BATISTA, Thaís Elizabeth. 2018. 18f. **Metapragmáticas e ideologias linguísticas entre remanescentes quilombolas em contexto de migração estudantil**. Projeto de pesquisa (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

BATISTA, Thaís Elizabeth; PINTO, Joana. Infraestruturas de globalização e escalas em paisagens linguísticas. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 14, n. 4, p. 1136-1196, 2020.

BAUMAN, Richard; BRIGGS, Charles [1990]. Poética e Performance como perspectivas críticas sobre a linguagem e a vida social. Trad. Vânia Cardoso. **Ilha - Revista de Antropologia**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2, p. 185-229, 2006.

BELL, David. **An introduction to cybercultures**. Londres: Routledge, 2001.

BIAR, Liana; PASCHOAL, Fabiola. “(Não) leia os comentários: a disputa da notícia sobre o assassinato de Marielle Franco. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1015-1069, 2020.

BLOMMAERT, Jan. **The Sociolinguistics of Globalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, Jan; JIE, Dong. **Ethnographic fieldwork**. A beginner's guide. Bristol: Multilingual Matters, 2010.

BLOMMAERT, Jan; JIE, Dong. When your field goes online. **Tilburg Papers in Culture Studies**, paper 227, p. 1-14, 2019.

BLOMMAERT, Jan; MALY, Ico. Ethnographic Linguistic Landscape Analysis and social change: A case study. **Tilburg Papers in Culture Studies**, paper 100, p. 1-26, 2014.

BLOMMAERT, Jan; SMITS, Laura; YACOUBI, Noura. Context and its complications. **Tilburg Papers in Culture Studies**, paper 208, p. 1-19, 2018.

BLOMMAERT, Jan; SZABLA, Malgorzata; MALY, Ico; PROCHÁZKA, Ondřej; YING, Lu; KUNMING, Li. Online with Garfinkel: Essays on social action in the online-offline nexus. **Tilburg Papers in Culture Studies**, paper. 229, p. 1-106, 2019.

BORGES, Roberto Carlos; MELO, Glenda Cristina de. Quando a raça e o gênero estão em questão: embates discursivos em rede social. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-13, 2019.

boyd, danah; CRAWFORD, Kate. Critical questions for big data. **Information, Communication and Society**, v. 15, n. 5, p. 662–679, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva do Conselho Nacional de Saúde. Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Ofício circular 002/CONEP/SECNS/MS**. Brasília: Ministério da Saúde. 24 fev. 2021.

BRIGGS, Charles. Mediating infanticide: theorizing relations between narrative and violence. **Cultural Anthropology**, v. 22, n. 3, p. 315-356, 2007.

CAMERON, Deborah. The illusion of inclusion. **language: a feminist guide**, 5 ago. 2018. Disponível em: <https://debuk.wordpress.com/2018/08/05/the-illusion-of-inclusion/>.

CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

CAVANAUGH, Jillian; SHANKAR, Shalini (ed.). **Language and Materiality: Ethnographic and Theoretical Explorations**. Cambridge: University Press, 2017. p. 29-40.

CESARINO, Letícia. Como vencer uma eleição sem sair de casa: a ascensão do populismo digital no Brasil. **Internet & Sociedade**, v. 1, n. 1, p. 91-10, 2020.

CHARMAZ, Kathy. **Constructing grounded theory: A practical guide through qualitative analysis**. Los Angeles, London, New Delhi, Singapore: Sage, 2006.

CLIFFORD, James. Introdução: Verdades parciais. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Papéis Selvagens Edições 2016. p. 31-62.

CLIFFORD, James. Sobre a alegoria etnográfica. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George. **A escrita da cultura: poética e política da etnografia**. Trad. Maria Claudia Coelho. Rio de Janeiro: Ed. UERJ; Papéis Selvagens Edições 2016. p. 151-182.

CRUZ, Bruna Souza. **Como os algoritmos espalham racismo e desigualdade de gênero**. Produção: Movdoc, Tilt e UOL. 8min46seg. 26 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3AoJm-s5eZ9E>> . Acesso em 13 out. 2021.

DIAS, Ana Luiza. 2019. 16f. **Práticas linguísticas e identitárias na formação de redes por mulheres em migração estudantil transnacional**. Projeto de pesquisa (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

DIAS, Ana Luiza. 2019. 128f. **Linhas tortas, narrativas possíveis: trajetórias de vida, repertórios linguísticos e formação de redes na migração estudantil transnacional**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

DIAS, Ana Luiza. Sobre coisas que podem e vão dar errado: economias performativas numa Linguística do Tensionamento. In: SILVA, Leosmar Aparecido da; GIMENEZ, Priscila Renata; CANEDO, Rogério; DAMASCENO-MORAIS, Rubens (org.). **Pesquisas 2020: Linguística em Foco** [e-book]. Goiânia: Cegraf, 2020. p. 239-256.

DÖRNYEI, Zoltán. **Research methods in applied linguistics**. Oxford University Press, 2007.

FABRÍCIO, Branca. “Repetir-repetir até ficar diferente”: práticas descoloniais em um blog educacional. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, Brasília, v. 18, n. 2, p. 9-26, 2017.



FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Método de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FREGE, Gottlob. **Lógica e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Edusp, 2009.

GABRIEL, Martha. **Educar**: a revolução digital na educação. São Paulo: Editora Saraiva, 2013.

GARCEZ, Pedro; SCHULZ, Lia. Olhares circunstanciados: etnografia da linguagem e pesquisa em Linguística Aplicada no Brasil. **DELTA** - Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 31, p. 1-34, 2015.

GUIMARÃES, Thayse. 2014. 200 f. **Embates entre performances corpóreo-discursivas em trajetórias textuais**: uma etnografia multissituada. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

HAN, Byung-Chul. **No enxame**: perspectivas do digital. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

HARAWAY, Donna [1991]. Manifesto Ciborgue: Ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari; TADEU, Tomaz. **Antropologia do ciborgue**: As vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 33-118.

HARAWAY, Donna [1988]. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Trad. Mariza Corrêa. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 5, p. 7-41, 1995.

HEINE, Lícia; SALES, Myrian. Enunciado metamorfoseado: contribuições de Bakhtin e Volochínov para estudo do cartaz de Rosie. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 9, n. 16, 2020.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos da mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático**: novas tendências e desafios metodológicos. Rio de Janeiro: E-Papers, 2016. p. 11-27.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**: Embedded, Embodied and Everyday. Londres/ New York: Bloomsbury, 2015.

HINE, Christine. How can qualitative internet researches define the boundaries of their projects? In: MARKHAM, Annette; BAYM, Nancy. **Internet Inquiry: conversations about method**, Sage: Londres, 2009, p. 1-20.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage, 2000.

hooks, bell. Linguagem: ensinar novas paisagens/novas linguagens. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 857-864, 2008.

HYMES, Dell. **Ethnography, linguistics, narrative inequality**. Toward an understanding of voice. New York: Taylor & Francis, 1996.

KALANTZIS, Mary; COPE, Bill. Regimes of literacy. In: HAMILTON, Mary; HEYDON, Rachel; HIBBERT, Kathryn; STOOKE, Roz. **Negotiating Spaces for Literacy Learning: multimodality and governmentality**. London: Bloomsbury, 2015. p. 1-24.

KEANE, Webb; SILVERSTEIN, Michael. Curated Conversation: "Materiality: It's the Stuff!". In: CAVANAUGH, Jillian; SHANKAR, Shalini (ed.). **Language and Materiality: Ethnographic and Theoretical Explorations**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 29-40.

KENDALL, Lori. A Response to Christine Hine. In: MARKHAM, Annette; BAYM, Nancy. **Internet Inquiry: conversations about method**, Londres: Sage, 2009, p. 21-25.

KITCHIN, Rob. Big Data, new epistemologies and paradigm shifts. **Big Data & Society**, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2014.

KOZINETZ, Robert. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica online**. Porto Alegre: Penso, 2014.

MAIA, Junot de Oliveira. Letramentos de sobrevivência em redes digitais: caminhos possíveis na luta por direitos humanos. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 57, n. 2, p. 954-974, 2018.

MARWICK, Alice; boyd, danah. "I tweet honestly, I tweet passionately": Twitter users, context collapse, and the imagined audience. **New Media & Society**, v. 13, n. 1, p. 114-133, 2010.

MATTOS, Carmem Lúcia de. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, Carmem Lúcia de; CASTRO, Paula de (org.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902.pdf>.

MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media**: The extensions of man. London/New York: McGraw-Hill, 1994.

MILLER, Daniel. Notas sobre a pandemia: como conduzir uma etnografia durante o isolamento social. Trad. Camila Balsa e Juliane Bazzo. **Blog do Labemus**, 23 mai. 2020. Disponível em: [https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller\\_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf](https://blogdolabemus.com/wp-content/uploads/2020/05/Miller_Como-conduzir-uma-etnografia-durante-o-isolamento-social-convertido.pdf).

MISHRA, Pankaj. Welcome to the age of anger. **The Guardian**, 8 dez. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2016/dec/08/welcome-age-anger-brexit-trump>.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 49, n. 2, p. 393-417, 2010.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da; FABRÍCIO, Branca. Viagem textual pelo Sul global: ideologias linguísticas *queer* e metapragmáticas translocais. **Linguagem em (dis)curso**, Tubarão-SC, v. 18, p. 769-784, 2018.

MOROZOV, Evgeny. **Big tech**. São Paulo: Ubu Editora LTDA-ME, 2018.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

PINTO, Joana. Contradições e Hierarquias nas Ideologias Linguísticas do Conselho Nacional de Imigração. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 8, p. 108-134, 2014.

PINTO, Joana. De diferenças e hierarquias no quadro Adelaide às análises situadas e críticas na Linguística Aplicada. **DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, São Paulo, v. 31, p. 199-221, 2015.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos. **Esfers**, Brasília, ano 2, n. 3, p. 61-71, 2013.

RAMOS, Jair. Etnografia e digitalização. CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla (org.). **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: E-papers, 2016. p. 29-46.

RAMPTON, Ben. Hegemony, social class and stylisation. **Pragmatics**, v. 13, n. 1, p. 49- 83, 2003.

RIBEIRO, Washington. 2014. 193f. **Alice no país das maravilhas tecnológicas**: uma história sobre tecnologias digitais no ensino de línguas. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SANTOS, Camila Leopoldina dos. 2019. 14f. **(Re)construindo a identidade racial no espaço escolar**. Projeto de pesquisa (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

SANTOS, Vinícius. 2016. 94f. **Big Data, Meio e Linguagem**: novas tecnologias e práticas linguísticas. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

SANTOS, Vinícius. Computational affordances, context collapses and other challenges to linguistic studies. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 583-600, 2020.

SILVA, Carolina Fernanda. 2020. 13f. **Trajetórias textuais do cartaz feminista “We can do it!” em publicações antifeministas no Facebook**. Projeto de pesquisa (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SILVA, Diego. 2018. 122 f. **“Qualidade é insubstituível!”**: ideologias linguísticas em manuais de legenders independentes de equipes de fansubbing. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SILVA, Karoline. 2020. 57f. **Padrões de beleza, hipersexualização e racismo**: a língua e o processo socio-histórico na imagem da mulher negra em ambiente virtual. Monografia (Bacharelado em Letras - Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

SOUZA, Maria Rosaria. 2021. 42f. **Construção discursiva do “racismo reverso” em duas mídias sociais**. Monografia (Bacharelado em Letras - Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

SPRY, Tami. Performing Autoethnography: An Embodied Methodological Praxis. **Qualitative Inquiry**, v. 7, n. 6, p. 706-732, 2001.

SZABLA, Malgorzata; BLOMMAERT, Jan. Does context really collapse in social media interaction? **Applied Linguistics Review**, v. 11, n. 2, p. 251-279, 2018.



VALLADA, Amanda. Digitalização e a luta pela linguagem. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1159-1170, 2020.

VALLADA, Amanda. 2021. 97f. **Inventando a diferença: ideologias linguísticas e história natural dos discursos do novo biologismo**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021.

VARIS, Piia. Digital Ethnography. **Tilburg Papers in Culture Studies**. Paper 104, ago. 2014. Disponível em: [https://www.tilburguniversity.edu/upload/c428e18c-935f-4d12-8afb-652e19899a30\\_TPCS\\_104\\_Varis.pdf](https://www.tilburguniversity.edu/upload/c428e18c-935f-4d12-8afb-652e19899a30_TPCS_104_Varis.pdf).

VARIS, Piia. HOU, Mingyi. Digital approaches in Linguistic Ethnography. In: TUSTING, Karin (ed.). **The Routledge Handbook of Linguistic Ethnography**. New York: Routledge, 2020. p. 229-240.

VELLASCO, Bianca. 2020. 12f. **O lugar do monolingüismo nos regimes metadiscursivos no Brasil**. Projeto de pesquisa (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

WANG, Xuan *et al.* Globalization in the margins: toward a re-evaluation of language and mobility. **Applied Linguistics Review**, v. 5, n. 1, p. 23-44, 2014.

WILLIG, Carla. **Introducing qualitative research in psychology**: Adventures in Theory and Method. 2. ed. Berkshire, UK: Open University Press, 2013.

ZIKOPOULOS, Paul; EATON, Chris; DEROOS, Dirk; DEUTSCH, Thomas; LAPIS, George. **Understanding Big Data**: Analytics for Enterprise Class Hadoop and Streaming Data. New York: McGraw Hill, 2012.

## Para saber mais



Nesta seção, gostaríamos de indicar alguns materiais que podem ajudar você a aprofundar ainda mais seus estudos sobre as questões levantadas ao longo deste livro.

### Textos

BIONDO, Fabiana. Ideologias de gênero e ideologias de língua(gem) em páginas feministas do Facebook. *Alfa*, Assis, v. 63, n. 2, p. 295-315, 2019.

BOAVENTURA, Júlio Cesar Salles. 2018. 186 f. **Suburbanos e farofeiros em trânsito**: entre a fricção e a (re)construção textual de subjetividades fora do lugar. Tese (Doutorado em Interdisciplinar Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BONFANTE, Gleiton Matheus. A língua deles no meu corpo: o autoetnógrafo como corpo-experenciador da linguagem e do campo. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 150-167, 2018.

BONFANTE, Gleiton Matheus. 2020. 175 f. **A linguagem na pele**: afeto como ato de fala perlocucionário. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

BONFANTE, Gleiton Matheus. **Erótica dos signos em aplicativos de pegação**: performances íntimo-espectaculares de si. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2016.

BRASIL. **Lei n. 12.965**, de 23 de abril de 2014. Estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da Internet no Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm).

BRASIL. **Lei 13.709**, de 14 de agosto de 2018. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/l13709.htm).

CARVALHO, Aline da Silva Azevedo de. 2020. 220 f. **Trajétórias textuais do assassinato de Cláudia da Silva Ferreira**: entre necrótopos e cartografias de reexistência. Tese (Doutorado em Interdisciplinar Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CESARINO, Letícia. Antropologia digital não é etnografia: explicação cibernética e transdisciplinariedade. **Civitas** - Revista de Ciências Sociais, Porto Alegre, v. 21, n. 2, p. 304-315, 2021.

FABRÍCIO, Branca. Transcontextos educacionais: gêneros e sexualidades em trajetórias de socialização na escola. In: SILVA, Daniel; FERREIRA, Dina; ALENCAR, Claudiana. (org.). **Nova Pragmática**: Modos de Fazer. São Paulo: Cortez Editora, 2014. p. 145-189.

HINE, Christine. A internet 3E: uma internet incorporada, corporificada e cotidiana. Trad. Carolina Parreiras; Beatriz Accioly Lins. **Cadernos de Campo**, São Paulo, v. 29, n. 2, p. 1-42, 2020.

MAIA, Junot de Oliveira. **Fogos digitais**: Letramentos de sobrevivência no Complexo do Alemão/RJ. 2017. 220f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) - Instituto de Estudos Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

PELÚCIO, Larissa. Um *match* com os conservadorismos: masculinidades desafiadas nas relações heterossexuais por meios digitais. **Interfaces Científicas**, Aracaju, v. 8, n. 2, p. 31-46, 2020.

ROCHA, Anabella Machado. 2016. 117 f. “**Cadê o Amarelo?**”: iterabilidade e construção de memórias em cartografias comunicáveis. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Rio de Janeiro, 2016.

SANCHÉZ, Álvaro. Por que as reuniões pelo Zoom cansam mais que as presenciais? **El País**. Madri, 03 mar. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/sociedad/2021-03-03/por-que-as-reunioes-pelo-zoom-cansam-mais-que-as-presenciais.html>.

SANQUE, Douglas Roberto Knupp. 2020. 289 f. **Pela família**: múltiplas indexicalidades do signo família na comunicação do impeachment de Dilma Rousseff. Tese (Doutorado em Interdisciplinar Linguística Aplicada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

SILVA, Daniel (org.). Dossiê especial Digital and Semiotic Mechanisms of contemporary populisms (part. 1 e part. 2). **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, n. 1-2, 2020.

SILVA, Danillo. (Meta)pragmática da violência linguística: Patologização das vidas trans em comentários online. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 2, p. 956–985, 2019.

SCHULTZ, Victor Brandão. 2020. 193 f. **“Aqui o menino usa saia mesmo”**: fricções escalares em trajetórias textuais de um documento escolar. Tese (Doutorado em Interdisciplinar Linguística Aplicada) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

## Vídeos

ALAB - Associação de Linguística Aplicada do Brasil. **Joana Plaza Pinto e Moita Lopes entrevistam: Piia Varis**. Youtube (21m03s). 26 fev. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=oEoPR-XQFc8A&t=1077s&ab\\_channel=ALAB-Associa%C3%A7%C3%A3odeLingu%C3%ADsticaAplicadoBrasil](https://www.youtube.com/watch?v=oEoPR-XQFc8A&t=1077s&ab_channel=ALAB-Associa%C3%A7%C3%A3odeLingu%C3%ADsticaAplicadoBrasil).

Center for Global Ethnography. **Christine Hine Interview - Doing Ethnography Remotely**. Youtube (33m11s). 25 mai. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=XRn\\_eUQFhLQ&ab\\_channel=CenterforGlobalEthnography](https://www.youtube.com/watch?v=XRn_eUQFhLQ&ab_channel=CenterforGlobalEthnography).

Instituto de Relações Internacionais PUC-Rio. **[Lab-Met] Minicurso “Introdução à etnografia online” Professora Dra. Letícia Cesarino(UFSC)19/10/2020**. Youtube (2h53m39s). 19 out. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=y5Q480GkQag&ab\\_channel=InstitutoDeRela%C3%A7%C3%B5esInternacionaisPUC-Rio](https://www.youtube.com/watch?v=y5Q480GkQag&ab_channel=InstitutoDeRela%C3%A7%C3%B5esInternacionaisPUC-Rio).

Linguística Aplicada UFRJ - PIPGA. **Etnografia e Linguagem - AULA 1**. Youtube (2h16m20s), 15 set. 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=-0qY5X-hlQA0&ab\\_channel=Lingu%C3%ADsticaAplicadaUFRJ-PIPGLA](https://www.youtube.com/watch?v=-0qY5X-hlQA0&ab_channel=Lingu%C3%ADsticaAplicadaUFRJ-PIPGLA).

LISA USP. **Como conduzir uma etnografia durante o isolamento - Prof. Daniel Miller, Univ. College of London**. Youtube (20m13s). 20 mai. 2020. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=WC24b3nzp98&ab\\_channel=LISAUSP](https://www.youtube.com/watch?v=WC24b3nzp98&ab_channel=LISAUSP).

O Dilema das Redes. Dir. Jeff Orlowski. **Netflix**. Estados Unidos, 2020 (89 min).



## **Páginas eletrônicas**

Blog Contxt - UFRJ: <http://contxt.letas.ufrj.br/>.

Diggit Magazine - Tilburg University: <https://www.diggitmagazine.com/>.

Museu de memes - UFF: <https://museudememes.com.br/>.

## SOBRE O LIVRO

---

Tipologia: Optima LT Std, Georgia, Dosis, Caecilia

Publicação Cegraf UFG  
Câmpus Samambaia, Goiânia-Goiás,  
Brasil. CEP 74690-900  
Fone: (62) 3521-1358  
<https://cegraf.ufg.br>

---



**PPGL**  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
LETRAS E LINGÜÍSTICA

**FL**  
FACULDADE DE  
LETRAS

